

O. XV. — NUMERO 6.

JUNHO DE 1877.

JORNAL  
DAS FAMILIAS

PUBLICAÇÃO ILLUSTRADA  
RECREATIVA, ARTISTICA, ETC.



RIO DE JANEIRO  
B. L. GARNIER, EDITOR-LIVREIRO  
65, rua do Ouvidor, 65

PARIS, E. BELHATTE  
14, rua de l'Abbaye-Saint-Germain, 14

1877

## INDICE D'ESTE NUMERO

UM RAPAZ CAIPORA (fim), por Ernesto Castro.

O GENIO BOM-HOMEM, por Carlos Nodier.

SYLVESTRE, por Victor de Paula.

### MOSAICO :

Anecdotas por Paulina Philadelphia.

### POESIA :

A Viuva e o Orphão, por \*\*\*.

### MODAS :

Descripção do figurino de modas.

### TRABALHOS :

Explicação da estampa de bordados e trabalhos.

Explicação da estampa de moldes.

Explicação da estampa grande de trabalhos diversos. Recto.

Explicação da estampa grande de trabalhos diversos. Verso.

Explicação da gravura sobre madeira : *A Via Appia*.

### ACOMPANHAM ESTE NUMERO

1º Um figurino de modas colorido.

2º Uma estampa de bordados e trabalhos.

3º U/na estampa de moldes.

4º Uma estampa grande de trabalhos diversos. Recto.

5º Uma estampa grande de trabalhos diversos. Verso.

6º Uma gravura sobre madeira : *A Via Appia*.

7º Duas Peças de musica religiosa : *Ave Maria*. — *O Salutaris*.

### REDACTORES E COLLABORADORES

Dr. Augusto Fausto de Souza.

Augusto Guanara.

Dr. Bern. Joaq. da Silva Guimarães.

D. Emilia Augusta Gomide Peuido.

Ernesto Castro.

Heitor da Silveira.

D. Honorata Minelvina Carneiro de  
Mendonça.

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

Joaquim Norberto de Souza e Silva.

J. L. Teixeira de Macedo.

Dr. José Joaquim de Pessanha Povoá.

José Rufino Rodrigues Vasconcellos.

Juvenal Galeno.

L. G. P. Guimarães Junior.

L. L. Fernandes Pinheiro Junior

Machado de Assis.

D. Manoel Duarte Moreira d'Azeve

D. Maria Ignacia Magna.

D. Paulina Philadelphia.

P. A. Gomes Junior.

V. Colona.



## UM RAPAZ CAIPORA.

F I M.

---

XIV.



o Fidelis cumprio religiosamente a sua palavra a respeito das mulheres : tinha mêdo e asco d'ellas!

E, no entretanto, não se lembrava o meu amigo que havia nascido de uma mulher.

Oh! de quanto não é susceptivel o despeito em cabeças orgulhosas?!

Agora me interpellará o leitor.

— Como era que o Fidelis sendo tão egoista chegou amar tanto á tal moça, e fazer o papel que fez?

Ora, leitor, porque o meu amigo era bilioso, e n'esses temperamentos influem muito as paixões desencontradas para mudar incontinentemente o character dos individuos.

Será isto um paradoxo?

E o Fidelis não estará mostrando o contrario?

Portanto, leitor, está respondido satisfatoriamente a sua interpellação. E ainda mais : o egoismo e o orgulho do meu amigo só soffreram um

méro *eclipse* com essa paixão, terminada ella, reapareceram com mais furia.

## XV.

Lá foram depois d'esses factos mais dois annos se ajuntar aos trinta e um do Fidelis.

Estava excentrico na extensão da palavra o tal meu amigo.

Tambem estava com uma particularidade : era o de fazer papel de censor, criticando de tudo e de todos sem ao menos fazer nada (balda de muita gente boa).

O seu egoismo parecia antes mania do que outra cousa, de insupportavel que estava.

Si vestia as suas roupas melhores para dar um passeio, e vinha-lhe a chuva atrapalhar, dizia :

— É de proposito que esta demonia me vem aborrecer para assim não poder passeiar.

E o Fidelis pronunciava isto com tanta raiva e ameaçando o innocente aguaceiro com os punhos cerrados (costume que tinha quando zangava-se), que era para fazer qualquer soffrer um frouxo de riso.

E, no entretanto, a chuva nem se lembrava se elle pertencia á este mundo ou o mundo sublunar ; ou se era quadrupede, bipede ou reptil.

Mas o meu amigo pensava, que ella fazia aquillo só de proposito para mangal-o!

Agora, se o Fidelis fosse a algum passeio que valesse a pena, ainda passe ; mas era só para bater pernas.

## XVI.

Uma occasião estava o meu amigo encostado n'uma esquina, quando um cavalleiro, por acaso, ao passar por elle, espirrou lama em suas calças.

Oh! meu Deus! bravejou e gesticulou como um possesso, dizendo que aquillo tinha sido de proposito, só com o feito de sujalo.

O cavalleiro, voltou, pedio-lhe mil desculpas, foi peor.

Ha certas naturezas que nunca se devem pedir desculpas, porque então é que ficam mais entusiasmadas.

A do amigo Fideliz era d'essas.

## XVII.

Um dia, o rapaz ia atravessando um becco, quando foi derrubado por um burro, que vinha disparado, o qual plantou-lhe mesmo de ventas em uma poça d'agua estagnada.

O Fidelis com a cara e a roupa toda enlameada e quebrados os vidros dos oculos, (que pena!) gritou como um furioso.

— Maldito burro! fazes isto só de proposito para pôr-me n'este miseravel estado!..... Grandissimo demonio!

Mas, que importancia podia ter para um burro, o que um pobre Fidelis dizia?

## XVIII.

Outra vez foi acompanhar a um enterro de um ricaço, já se sabe, o prestito era numeroso.

Quando chegou ao cemiterio, alguns aduladores fizeram ao defunto, elogios funebres (sem os merecer).

Tambem o Fidelis foi fazer o seu, mas ficou mui rente á sepultura.

E lá quando estava mais enthusiasmado em o principal ponto do seu necrologio, falseou os pés na terra solta, que tinha sahido de dentro da sepultura, e zás..... lá foi mesmo para o fundo da cóva, quebrando a tampa do caixão e fazendo da barriga do misero defunto o seu pedestal!.....

Que desapontamento!

Salta!

A primeira vez que estreava a sua intelligencia acontecer uma cousa assim!

Era um agoiro.

E, no entanto, o Fidelis, com muito custo, sahio de dentro do buraco em terrivel estado.

Esbravejou, no louvavel costume, que os coveiros tinham posto de proposito a terra d'aquelle geito para unicamente vêl-o cahir.

Já notou, leitor, que para o meu amigo o proposito era uma grande entidade!

Como era desfrutavel o tal Fidelis!

E quem poderia ter dó de suas desgraças?

Por certo que ninguem.

## EPILOGO.

Haverá um anno, mais ou menos, que o meu amigo, depois de sua ultima desgraça, começou a soffrer de ictericia. E por maior infelicidade, foi o Fidelis cahir ás mãos de um medico charlatão. Passados quinze dias depois que elle collocou esse *curandeiro* em sua cabeceira, era cada-  
ver! Tinha sido agoiro ou não, aquelle modo com que o pobre do meu amigo estreou a sua intelligencia?

Pobre Fidelis!

Tanto egoismo e tanto orgulho para só te fazerem caipora!...

Misero amigo! os teus sonhos de gloria estavam em sete palmos de terra!.....

Mas a tua alma, com certeza, ha de estar, presentemente, gozando a verdadeira gloria: « *Bemaventurados os pobres de espirito; porque d'elles é o reino dos céos.* »

E o Fidelis não estaria classificado n'esse numero?

Na terra era o — Fidelis-o-caipora, no céu será o — Fidelis-o-feliz.

Comtudo, eu aposto, em como muita gente de criterio não quereria ser o meu amigo, apesar de ter ganho o céu!

E a razão é mui simples — *Antes ter o certo do que o duvidoso.*

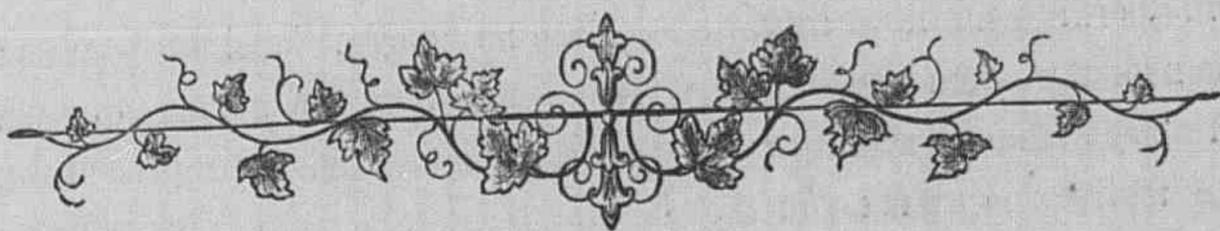
E, no entanto, Deus está bem servido com essa gente que não é capaz de dar *ponto sem nó.*

Finalmente, leitor, vou dar um *nó* no *ponto* d'este conto.

Terminou trovado.

ERNESTO CASTRO.





## O GENIO BOM-HOMEM.

---



avia outr'ora genios. Haveria ainda muitos si quizesseis dar credito a todos aquelles que se prezam de serem genios; mas não é bom a gente fiar-se n'elles.

Aquelle de que trataremos aqui não era aliás da primeira ordem dos genios. Era um genio de entresolho, um pobre genio ainda novo, que não assentava-se na assembléa dos genios senão por direito de nascimento, e salvo o bom prazer dos genios titulares. Quando ahi se apresentou pela primeira vez, tenho sempre vontade de rir quando penso n'isto, tinha tomado por divisa do seu pequeno estandarte de cerimonia : *Cumpra o teu dever, aconteça o que acontecer.* Por isso chamaram-no o Genio BOM HOMEM. Esta ultima alcunha ficou depois aos espiritos simples e ingenuos que praticam o bem por sentimento ou por habito, e que não teem achado o segredo de fazer da virtude uma sciencia.

Quanto á alcunha de *genio*, fizeram d'elle o que bem pareceu. Mas nada temos com isto.

A mais de duzentas leguas d'aqui, e muito antes da revolução, vivia em um velho castello senhoreal uma rica viuva dotada, cujo nome esses senhores da escola das Cartas (1) ainda não puderam achar. A boa senhora

(1) Escola fundada em Pariz em 1821, onde se aprendia a ler os manuscritos e explicar os dialectos da idade media. Em 1829 acrescentáram-lhe cursos de diplomática e paleographia.

tinha perdido sua nora moça, e seu filho na guerra. Não lhe restava para a consolar nos enfados de sua velhice, senão o neto e a neta, que pareciam ser creados para o prazer de serem vistos, pois a propria pintura, que aspira sempre fazer melhor do que Deus tem feito, nunca fez nada de mais lindo. O rapaz, que tinha doze annos, se chamava SAPHIRA, e a menina, que tinha dez, se chamava AMETHYSTA. Acredita-se, mas eu não ousaria assegurar-o, que estes nomes lhes haviam sido dados por causa da côr dos seus olhos, e isto me permite vos ensinar ou vos recordar duas cousas de passagem : a primeira é que a saphyra é uma bella pedra d'um azul transparente e que a amethysta é outra que approxima-se da côr violeta. A segunda, é que os filhos das casas grandes não recebem ordinariamente o nome senão cinco ou seis mezes depois do seu nascimento.

Procurar-se-hia muito tempo antes de achar uma tão boa mulher como a avó de Amethysta e de Saphira; ella o era mesmo demais, e é um inconveniente no qual as mulheres cahem espontaneamente quando dão para ser boas; mas este successo não é bastante commum para causar inquietação. Nós a designaremos entretanto pelo appellido de Benigna, afim de evitar confusão, caso possa haver.

Benigna amava tanto seus netos, que educava-os como se os não tivesse amado. Ella os deixava seguir todos os seus caprichos, nunca lhes fallava d'estudo, e brincava com elles para aguçar ou renovar seu prazer quando elles se enfadavam de brincar. Resultava d'ahi que elles não sabiam quasi nada e que, si não tivessem sido curiosos como o são todos os meninos, nada saberiam absolutamente.

Entretanto Benigna era de velha data a amiga do genio Bom-Homem, que ella tinha visto algures em sua mocidade. É provavel que não tivesse sido na Côrte. Ella accusava-se muitas vezes diante d'elle em suas intimas conversações de não ter tido a força de cuidar na instrucção das duas encantadoras creaturinhas, ás quaes ella podia faltar d'um dia para outro. O genio lhe promettera pensar n'isto quando os seus negocios o permitissem, mas occupava-se então de remediar os máos effeitos da educação dos pedantes e dos charlatãos, que começavam a estar em moda. Tinha muito que fazer.

Uma tarde de estio entretanto, Benigna deitára-se cedo, como de costume : o repouso das pessôas de bem é tão doce! Amethysta e Saphira conversavam no salão sobre alguns d'esses nadas que preenchem a insipida ociosidade dos castellos, e teriam bocejado mais de uma vez se contemplando, si a natureza não se tivesse encarregado de distrahil-os por um dos seus mais assustadores phenomenos, e comtudo mais communs. A tem-

pestade mugia fora. De minuto a minuto os relampagos inflammavam o vasto espaço, ou cruzavam-se em ziguezagues de fogo sobre as vidraças abaladas. As arvores da avenida rumorejavam e fendiam-se em lascas; o raio rolava nas nuvens como um carro de bronze; até o sino da capella, vibrava de terror e unia sua longa e sonora queixa ao estampido dos elementos. Isto era sublime e terrivel.

De repente vieram os criados annunciar que haviam recolhido á porta um velhinho traspassado pela chuva, transido de frio e provavelmente morto de fome, porque a tempestade devia tel-o afastado muito do seu caminho. Amethysta, que com o susto conchegára-se ao seio do irmão, foi a primeira a correr ao encontro do estrangeiro; mas como Saphira era mais forte e mais lesto, tel-a-hia facilmente precedido, si não tivesse querido lhe dar o prazer de chegar antes, pois estas amaveis crianças erão tão boas como erão bellas. Eu vos deixo a pensar se os membros doloridos do pobre homem fôram deleitados por um fogo scintillante e claro, se o assucar foi poupado no vinho generoso que Amethysta fazia aquecer para elle n'uma camada de brazas ardentes, se elle teve emfim boa ceia, boa pouxada e sobretudo bom rosto da parte dos hospedes. Não vos direi mesmo quem era este velho, porque vos quero reservar o prazer da surpresa.

Quando o velho restabeleceu-se um pouco de sua fadiga e de suas necessidades, tornou-se alegre e conversador, com o que os jovens muito se divertiram. Os moços d'esse tempo não desdenhavam da conversação dos velhos, na qual elles pensavam com razão que se póde aprender alguma cousa. Hoje a velhice é muito menos respeitada, e eu não me admiro. A mocidade tem tão pouca cousa que aprender!

— Vós me tendes tratado tão bem, lhes disse elle, que meu coração abrio-se á idéia de vos saber felizes. Supponho que n'este magnifico castello, onde tudo vos corre á vontade, deveis passar bellos dias.

Saphira abaixou os olhos.

— Felizes, sem duvida! respondeu Amethysta. Nossa avó tem tanta bondade para connosco e nós a estimamos tanto? Nada nos falta, em verdade, mas nós nos aborrecemos muitas vezes.

— Vós vos aborreceis! exclamou o velho com os signaes da mais viva admiração. Quem ouvio jamais dizer que alguém se aborrecesse em vossa idade, com fortuna e espirito? O aborrecimento é a doença das pessoas inuteis, dos preguiçosos e dos tolos. Aquelle que se aborrece é um ente pesado á sociedade, como á si mesmo, que só merece o desprezo. Mas não basta ser dotado pela Providencia d'um excellente natural como o vosso; é preciso cultivar-o pelo trabalho. Não trabalhaes?

— Trabalhar! replicou Saphira um pouco offendido. Nós somos ricos, e este castello assaz o demonstra.

— Cuidado! replicou o velho deixando escapar máo grado seu um amargo sorriso. A tempestade, que se acalma apenas, teria podido consumir-o de passagem.

— Minha avó tem mais ouro do que é preciso para sustentar o luxo de sua casa.

— Os ladrões poderiam tomal-o.

— Si vindes do lado que nos dissestes, continuou Saphira com um tom firme, havieis de atravessar uma planicie de dez leguas de extensão, oda cheia de vergeis e searas. A montanha que a domina do lado do occidente, está coroada com um palacio immenso que foi o de meus antepassados, e onde elles tinham ajuntado com grande custo as riquezas de dez gerações.

— Ah! disse o desconhecido, porque me forçaes a pagar tão boa hospitalidade com uma noticia má. O tempo, que nada poupa, não poupou a mais solida de vossas esperanças. Costeei muito tempo a planicie de que fallais. Foi substituida por um lago. Quiz visitar o palacio de vossos avós. Só encontrei ruinas, que servem hoje quando muito de asylo a algumas aves nocturnas e a alguns animaes carnivoros. As lontras se disputam metade da vossa herança, e a outra pertence aos mochos. Tão pequena é, meus amigos, a opulencia dos homens!

Os meninos se entre-olharam.

— Ha um unico bem, proseguio o velho como se os não tivesse observado, que põe a vida ao abrigo d'essas duras vicissitudes e ninguem o consegue senão pelo estudo e trabalho. Oh! contra esse é em vão que as aguas transbordam, que a terra se subleva, e que o céu esgota seus flagellos. Para quem o possúe, não ha revez que possa abater sua coragem, em quanto lhe resta uma faculdade na alma ou um officio na mão. A estimavel sciencia das artes é o mais bello dote dos noivos. A aptidão para os cuidados domesticos é a corôa das mulheres. O homem que possúe uma industria util ou conhecimentos d'uma applicação commum, é mais rico na realidade do que os ricos, ou antes só elle é rico e independente sobre a terra. Qualquer outra fortuna é enganadora e passageira. Vale menos e dura pouco.

Amethysta e Saphira nunca tinham ouvido esta linguagem. Olharam-se e não respondêram. Em quanto elles se conservavam silenciosos, o velho se transfigurava. Suas feições decrepitas retomavam as graças da mocidade, e seus membros alquebrados, a attitude sã e robusta da força. Este pobre

homem era um genio bemfeitor, com o qual já vos fiz travar conhecimento. Nossos jovens não o duvidaram, nem vós tão pouco o duvidareis.

— Eu não vos deixarei, accrescentou elle sorrindo, sem vos deixar um fraco penhor do meu reconhecimento, pelas attensões que me haveis prodigalisado. Pois que só o aborrecimento tem até aqui perturbado a felicidade que a natureza vos dispensava d'uma maneira tão liberal, recebi de mim estes dois anneis, que são poderosos talismans. Impellindo a mola que abre o engaste, achareis sempre na lição que ahi está occulta um remedio infallivel contra essa triste doença do coração e do espirito. Si entretanto a arte divina que os fabricou enganasse uma vez minhas esperanças, tornar-nos-hemos a ver dentro em um anno, e reflectiremos então n'outros meios. Esperando, os pequenos mimos alimentam a amizade; e eu ligo a este só duas condições faceis de cumprir; a primeira é não consultar o oraculo do anel sem necessidade, isto é antes de vos chegar o aborrecimento. A segunda é executar punctualmente tudo o que elle vos prescrever. »

Acabando essas palavras o Genio Bom-Homem retirou-se, e um autor dotado de mais poetica imaginação vos diria provavelmente que desapareceu. É a maneira pela qual os genios se despedem.

Amethysta e Saphira não se aborreceram esta noite, e imagino entretanto que dormiram pouco. Pensáram provavelmente em sua fortuna perdida, em seus annos de aptidão e intelligencia mais irreparavelmente perdidos ainda. Lamentáram tantas horas passadas em vãs dissipações e que teriam podido tornar-se proveitosas e fecundas, se tivessem sabido empregar-as. Levantáram-se tristemente, procuráram-se temendo encontrar-se, e abraçaram-se com rapidez occultando uma lagrima. No fim d'um momento de embaraço, a força do habito triumphou ainda uma vez. Voltáram aos seus brinquedos ordinarios, e divertiram-se menos que de costume.

— Creio que estás aborrecido, disse Amethysta.

— Ia te fazer a mesma pergunta, respondeu Saphira; mas receiei que o aborrecimento não servisse de pretexto á curiosidade.

— Juro-te, tornou Amethysta impellindo a mola do engaste, que me aborreço mortalmente.

E no mesmo instante leu, artisticamente gravada na chapa interior, esta inscripção que Saphira lia já por seu lado :

TRABALHAI

PARA VOS TORNARDES UTEIS.

TORNAI-VOS UTEIS

PARA SERDES AMADOS.

SÊDE AMADOS

PARA SERDES FELIZES.

— Não basta, observou gravemente Saphira. O que o oraculo do anel nos prescreve é preciso executal-o pontualmente. Experimentemos, si me dás credito. O trabalho não é talvez mais enfadonho que a ociosidade.

— Oh! quanto a isso eu o desconfio, replicou a mocinha. E depois o anel nos reserva certamente algum outro recurso contra o aborrecimento. Experimentemos como tu dizes. Um máo dia depressa se passa.

Sem ser absolutamente máo, como o temia Amethysta, este dia nada teve de agradável. Mandára-se vir os mestres, tantas vezes repellidos, e esta gente falla uma lingua que parece desagradavel porque é desconhecida, mas na qual acabamos por achar algum encanto quando nos habituamos a ella.

O irmão e a irmã ainda não tinham chegado a este ponto. Vinte vezes, durante cada lição, o engaste se tinha entre-aberto ao movimento da mola, e vinte vezes a inscripção obstinada se tinha mostrado no mesmo lugar. Não havia uma só palavra mudada.

Foi sempre a mesma cousa durante uma longa semana; foi ainda a mesma cousa durante a semana que a seguio. Saphira não cabia mais em si de impaciencia. — É com bem razão que dizem, murmurava elle rabiscando uma *penitencia*, que os genios d'agora se repetem. E depois, accrescentava, é preciso convir que é uma singular maneira para curar as pessôas do aborrecimento, aborrecel-as extraordinariamente!

No fim de quinze dias elles se aborrecêram menos, porque seu amor proprio começava a se interessar no proseguimento dos seus estudos. No fim de um mez elles se aborrecêram apenas, porque tinham já semeado bastante para colher. Divertiam-se em ler no recreio, e mesmo no trabalho, livros mui instructivos, e entretanto mui agradaveis, em italiano, em inglez, em allemão; não tomavam parte directa na conversação das pessôas illustradas, mas aproveitavam-se d'ella, depois que seus estudos os punham em estado de comprehendel-a. Pensavam emfim; e esta vida da alma que a ociosidade destróe, esta vida nova para elles lhes parecia mais suave que a outra, pois elles tinham muito espirito natural. Sua avó estava além d'isso tão feliz por vel-os estudar sem serem constrangidos e gozava tão deliciosamente [os seus triumphos? Eu me recordo perfeitamente

que o prazer que dão a seus paes é a mais pura alegria dos meninos. A mola funcionou entretanto muitas vezes durante a primeira metade do anno; no setimo, oitavo, nono mez, punham-na ainda em exercicio de tempos em tempos. Ne decimo estava enferrujada.

Foi então que o genio voltou ao castello, conforme tinha promettido. Os genios d'essa epoca eram muito pontuaes em suas promessas. Para esta nova visita, elle tinha desenvolvido um pouco mais de pompa, a de um sabio que usa de sua fortuna, sem a ostentar em vão apparato, porque sabe o meio de fazer melhor uso d'ella. Saltou ao pescoço de seus jovens amigos, que não formavam ainda uma idéa bem distincta da felicidade de que lhe eram devedores. Elles o acolhêram com ternura, antes de terem recapitulado em seu espirito o que lhe deviam. O bom reconhecimento é como a beneficencia : não calcula.

— Oh! meus meninos, lhes disse alegremente, vós me tendes querido muito mal, porque a sciencia é tambem aborrecimento. Ouvi-o dizer muitas vezes, e ha sabios pelo mundo que me tem disposto a acreditar-o. Hoje, nada de estudos, nada de sciencia, nada de trabalhos serios! Prazer, se o ha, folguedos, espectaculos, festas! Saphira, me ensinareis o passo mais em moda. Senhora, tenho a honra de vos convidar para a primeira contradansa. Reservei-me noticiar-vos que estaes mais ricos do que nunca. O maldito lago retirou-se, e a estada d'esses conquistadores importunos decupla a fertilidade das terras. Desentulhâram-se as ruinas do palacio e achou-se em seus alicerces um thesouro que tem dez vezes mais valor.

— Os ladrões poderiam roubal-o, diz Amethysta.

— O lago reconquistará talvez o terreno que perdeu, diz Saphira.

O genio pronunciára suas ultimas palavras, ao menos o parecia. Estava na sala.

— Este bom homem é bem frivolo para um velho, diz Saphira.

— E bem estúpido para um genio, diz Amethysta. Crê talvez que não acabarei o vaso de flôres que estou pintando para o dia de annos de vovó. Meu mestre diz que quizera tel-o feito, e que ninguem ainda se approximou mais do famoso Sr. Rabel.

— Eu ficaria incommodado, boa irmãzinha, proseguio Saphira, si levasse alguma vantagem sobre ti nesse dia; mas espero que ella terá tanta alegria quanto se possa ter sem morrer, contando minhas seis corôas.

— Ainda será preciso trabalhares para isso, respondeu Amethysta, pois teus cursos não estão concluidos.

— Tambem será preciso trabalhares para acabar teu vaso de flores, replicou Saphira, pois elle igualmente não está acabado.

— Tu trabalharás, não? disse Amethysta com uma voz meiga, como si tivesse querido implorar indulgencia para ella propria.

— Assim o creio, disse Saphira, e não vejo razão para não trabalhar, enquanto não souber tudo.

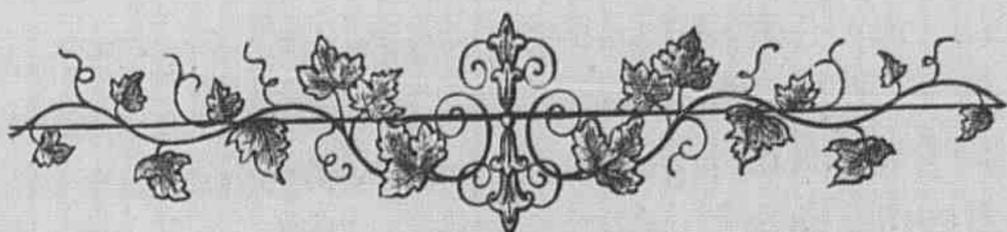
— Temos trabalho para muito tempo, exclamou a irmã saltando de prazer.

E fallando assim os jovens approximáram-se de Benigna, qu estava então muito satisfeita. Saphira, como mais resolute, adiantou-se primeiro para pedir á sua avó que lhes permittisse o trabalho ao menos por dois ou tres annos ainda. O genio, que estava ensaiando cabriolas e movimentos de perna em semi-circulo, em quanto esperava sua primeira lição de dansa, soltou uma gargalhada quasi inextinguivel, a qual succedêram comtudo algumas doces lagrimas.

— Trabalhai, amaveis meninos, lhes disse elle, vossa boa avó o permite, e pôdeis reconhecer pela sua emoção o prazer que ella experimenta em vos satisfazer. Trabalhai com moderação, pois um trabalho excessivo fatiga os melhores espiritos, como uma cultura muito exigente esgota o solo mais productivo. Diverti-vos algumas vezes, e mesmo muitas, pois os exercicios do corpo são necessarios á vossa idade, e tudo o que descansa a idéa d'um trabalho suspenso a proposito a torna mais capaz de o continuar sem esforço. Voltai ao trabalho antes que o prazer vos aborreça; os prazeres levados até o enfado, nos fazem aborrecer do prazer. Tornai-vos uteis, emfim, para vos tornardes dignos de ser amados, e, como dizia o talisman, SÊDE AMADOS PARA SERDES FELIZES. Se existe outra felicidade sobre a terra eu não lhe conheço o segredo.

CARLOS NODIER.





## SYLVESTRE.

### I.



osé S. P. Vargas era o pessimo dos procuradores : só procurava para os outros. Após vinte annos de incessante trabalho, por soes e chuvas, muita canceira e muita humilhação, achava-se elle no mesmo ponto d'orde partira, com a differença que partira aos vinte annos e só, e tinha agora mulher e dois filhos. A odysséa de um d'esses luctadores do foro está ainda por escrever. Se alguém a fizer, ha de sahir-lhe] menos brilhante e variada que a outra, mas pode ser que mais triste ainda que monotona, ou talvez por isso mesmo.

Mas não tratemos agora do procurador nem das suas peregrinações. Tratemos do filho d'elle, Sylvestre um descorrado menino de quinze annos, melancolico, taciturno, mettido comsigo, flor nascida em lugar de pouco sol, prestes a dobrar o calix, para a terra, donde veio. Sylvestre custára á mãe dores infinitas; talvez por isso era mais amado do que a irmã, menina de doze annos, viva, alegre, refeita a vender saude por todos os poros. O pae compensava a filha, amando-a mais do que ao irmão. Ao cabo, ambos os paes queriam a ambos os filhos, com uma leve *nuance* e nada mais.

José Vargas fez ensinar ao filho as primeiras] lettras, que era o mais

que lhe podia dar. Sylvestre aprendeu comsigo um pouco de francez. Aos quatorze annos, o pae quiz fazel-o seu ajudante na procuradoria; mas a organisação franzina do pequeno era pouco auspiciosa para taes labutações. Pareceu-lhe melhor mettel-o em um cartorio, onde elle se habilitava para escrevente juramentado, e mais tarde escrivão ou tabellião, não sahindo assim dos limites do foro a dynastia dos Vargas.

Sylvestre não exprimio a menor objecção acerca de taes planos. Ouviria acaso alguma cousa do que diziam d'elle! Sosinho, a olhar para o ar, com a cabeça entre as mãos, parecia dominado por uma idéa fixa. Seus olhos, grandes e brilhantes, encerravam toda a vida que fugira do resto do corpo. Com os cabellos lisos, incultos e cahidos sobre as temporas, dava uns ares remotos de Bonaparte, mas um Bonaparte mais do pensamento que da acção, e muito menos masculino. Na familia, a opinião acceita é que Sylvestre era doente, — doente de alguma cousa physica, — ou coração — ou baço, — ou vermes. Da alma não podia ser; o pequeno não tinha desgostos. A familia acreditava que a alma só adoece de desgostos.

As noites eram gastadas por elle, em grande parte a ler um tomo velho comprado a um algibebe, certo dia em que a mãe lhe deu algum dinheiro. Ninguem sabia o que era o livro que estava escripto em francez; mas a mãe achou natural explicação d'aquelle amor ás letras desde que a filha lhe deu noticia de que a obra era lardeada de estampas. Era claro que os bonecos divertiam o menino. Infelizmente, Sylvestre descuidou-se um dia e deixou o livro sobre a mesa de jantar. O pae vio-o, abriu-o e confiscou-o.

— Um pirralho a folhear retratos de mulheres nuas!

Sylvestre chorou lagrimas de desespero no interior da alcova. A mãe, que o livrara do castigo já planeado pelo procurador, foi consolal-o da perda, não menos que aconselhal-o a não perverter-se com estampas deshonestas. O pequeno ouviu-a, mas continuou a chorar, até que a propria dôr adormeceu, as olhos seccáram e a esperanza lhe animou o rosto. A primeira quantia que pode obter foi destinada a outro exemplar da obra; andou por algibebe, catou estantes e gavetas, durante uma semana e mais, até que descobrio o exemplar suspirado. Se tivesse achado um brilhante não ficaria mais contente. Metteu o livro entre a camisa e a pelle e guiou para casa, onde o escondeu a sete chaves, tendo cuidado d'ahi em diante em o não deixar rolar por cima das mesas.

Assentado que Sylvestre entraria para um cartorio de escrivão, foi esta ordem transmittida ao pequeno, que enfiou, mas não resistio. Pelo contrario, alegrou-se muito, quando o pae lhe disse que era preciso ganhar a

vida por si, e que, se tivesse juizo, brevemente podia ver o fructo do seu trabalho. Sylvestre dispoz-se a seguir punctualmente os conselhos de seu pae e foi para o cartorio. Alli deram-lhe papeis a copiar, autos a coser, serviço em que elle, posto lhe repugnasse, empregava o melhor da attenção que Deus lhe dera. Mas, como tinha muita vez os olhos no ar e o pensamento alhures, errava lendas e lendas, copiava as de novo, com dispendio do papel e da paciencia do escrivão. O fiel do cartorio tomou-lhe ogeriza; elle caricaturou o fiel, e este pequeno incidente ia cortando a fortuna forense de Sylvestre. Passou, e com elle iam passando os dias, com grande enfado do pobre menino, que perdia a esperanza das vantagens promettidas pelo pae.

Um dia, passando Sylvestre pela academia das Bellas-Artes vio-a aberta; entrou, pedio para ver alguns quadros. A simplicidade do pedido desviou a idéa de qualquer objecção. Demais, a commoção do pequeno era visivel; era por força commoção de artista. Quando elle de lá sahio, duas horas depois, tinha o olhar hallucinado, o pulso febril, o passo tremulo. A vista das salas e dos alumnos fascinava-o, revolvia-o todo. Vira com os olhos os quadros da Academia; com o espirito vio uma infinidade de obras primas, e sobre todas ellas uma que elle trazia em si, inedita, virgem, á espera de ver o sol, de a saudarem os seculos. Essa obra prima não era a caricatura do fiel do cartorio, menos ainda os traslados do escrivão. Sylvestre vagou longo tempo pelas ruas da cidade. Quando cançou, reflectio no que lhe cumpria fazer para substituir a penna pelo pincel; e concluiu que era pedil-o ao pae. Assim disposto, dirigio-se para casa onde entrou alegre como nunca o vira a familia. Entrou; foi ter com o livro mysterioso, abriu-o e contemplou-o com a alma toda. Essa uma historia da pintura, entremeada de gravuras representando paineis celebres. As mulheres nuas que tanto irritaram o procurador eram umas Venus e Bacchantes, alli inseridas entre as Virgens de Corregio e Raphael. Sylvestre fartou-se de contemplar as obras e releu a historia de alguns pintores. A ambição não lhe fallava na alma; elle não perguntava se o futuro lhe daria as palmas do Dominiquino e Rembrandt. Não; o que lhe pulava dentro era um painel que elle devia fazer, uma idéa, um sentimento, alguma cousa sublime que tinha necessidade de traduzir na tela e legar á immortalidade.

Nesse mesmo dia, Sylvestre pedio á mãe que o tirassem do cartorio e o mandassem para a Academia. A mãe sorriu tristemente do pedido do filho; mas descarregou a consciencia de mãe transmittindo-o a seu marido. O procurador vivera até alli na ignorancia do que podia valer a pintura.

salvo para fazer alguns retratos, e isto mesmo nem era já applicação sensata depois do daguerreotypo, então em plena posse de ambos os mundos. Quando a mulher lhe fallou no desejo do pequeno, limitou-se, a erguer os hombros; mas indo elle fazer-lhe pessoalmente o pedido, José Vargas irritou-se deveras.

— Tu estás doudo? disse elle agitando as narinas. Pois has de ganhar a vida a borrar panno!

Sylvestre tentou fazer entender ao pae que não era precisamente aquillo o que elle queria; mas a potencia intellectual do procurador não ia até comprehender a *Transfiguração*. O pae cortou a palavra ao filho e devolveu-o ao cartorio. Não havia mais que obedecer; Sylvestre obedeceu.

Passados os primeiros dias, o pequeno levantou o espirito do abatimento em que o lançou a recusa paterna. Achava meio de sahir a certas horas, em certos dias, e voltava ao edificio das Bellas-Artes. Alli travou conhecimento com um dos alumnos, tornou-se intimo; alcançou confidencias; fez-lhe algumas, e quando a amizade se achou cimentada, — o que custa pouco entre rapazes, — obteve em casa do alumno as primeiras lições de desenho. Mostrou-lhe então alguns ensaios que fizera a occultas; o alumno admirou-se da espontaneidade do talento e não acreditou que elle não tivesse tido mestre.

— Não tive nenhum, respondeu Sylvestre com simplicidade; copiei algumas gravuras que tenho n'um livro.

Alcançou algumas lições: mas o mestre, vendo um dia que o discipulo lhe era superior, sentio-se humilhado e suspendeu o obsequio. Sylvestre colheu desde logo os primeiros espinhos. Não desanimou, nem era caso d'isso. O que aprendera era bastante para desenvolver-lhe o talento; atirou-se á arte com o melhor de seu coração. Imberbe como Raphael, não se acreditava menos votado á gloria ainda que para elle a gloria não eram os applausos dos homens, mas só o facto de produzir alguma cousa. Quando lhe pareceu que ia bem no desenho, experimentou o emprego das tintas; arranjou uma tela, armou um cavalete, e trabalhou comsigo. Ao cabo de muita tentativa, convenceu-se de que lhe faltava ainda muita cousa. Voltou á Academia, a pretexto de visitar o antigo mestre, mas com o unico fim de observar como elle e os outros trabalhavam. Um professor do estabelecimento reparando na attenção com que elle assistia ás lições e descobrindo-lhe no olhar alguma cousa superior, travou amizade com elle e deu-lhe na sua officina lições particulares e praticas, que o rapaz aprendia com rapidez incrível. O desinteresse e o desvello do professor falláram na alma de Sylvestre, e deram-lhe, com as noções da arte que elle adorava,

uma alta idéa da generosidade dos homens. O alumno era escravo do mestre; o mestre era pae do alumno.

A ambição de Sylvestre, — não digo bem, — a necessidade de Sylvestre, era trazer á luz do sol e á contemplação dos homens uma Venus que elle tinha na cabeça. No prefacio da obra sobre bellas-artes que elle comprára ao algibebe lêra o rapaz que o christianismo expulsára os deuses pagãos do céo; Sylvestre ignorava o que fossem deuses pagãos, mas alguns retalhos de phrases do mencionado livro lhe deram idéas mais ou menos exactas do paganismo. Imaginava elle pintar uma Venus expulsa do céo, com uma expressão e uma attitude inteiramente novas. O professor, homem de seu tempo, forcejava por arredal-o de assumptos puramente classicos; infundia-lhe o espirito do seculo. A natureza americana, a historia moderna, a mesma historia patria, os costumes e as lendas nacionaes podiam dar-lhe assumpto a um painel superior; Sylvestre não abria mão de Venus. O livro dominava-o; a primeira leitura enfreava-lhe o espirito.

— Percebo, disse-lhe um dia o professor; você tem na cabeça um ideal de belleza é lhe preciso transcrever na tela; escolhe Venus que era a deusa das graças. Vá la; faça esse quadro; voltará depois aos meus conselhos.

Não é preciso dizer que a Venus e o escrivão eram inconciliaveis, e que, uma vez mettido com tintas não podia Sylvestre seguir com a mesma attenção os traslados e as certidões. Assim que o trabalho diminuia, as certidões sahiam erradas, e o que mais era, o escrevente gazeava com frequencia o cartorio. As cousas chegáram a tal ponto que o escrivão preferia vel-o ausente. Um dia, porem, demorado um traslado por culpa de Sylvestre, não teve o escrivão outro remedio mais que contar tudo ao procurador. Este notára algumas vezes a ausencia do filho; mas no dia em que o escrivão lhe contou que as ausencias eram multiplicadas e a desattenção do rapaz sem remedio, ficou mais consternado do que se lhe tirassem todas as procurações.

— Maroto! exclamou o pobre pae. Vou dar-lhe uma lição mestra. É a mania dos bonecos! Não cuida em outra cousa.

A lição foi commentada em reprehensão graças á intervenção da mãe de Sylvestre.

— Has de ser homem do foro, quer queiras quer não! perorou José Vargas. O foro é que te ha de dar o pão; não hão de ser os pannos pintados! Ou trabalharás como eu quero, ou vou metter-te no arsenal de guerra. Pelintra! Abusar da confiança de um homem honrado, estragar-lhe os papeis, compromettel-o quasi! Isto supporta-se? Sae! Vai-te embora!

A ultima palavra era um grito do coração do procurador, em quem o

olhar doce e lastimado do filho começava a influir. Sylvestre recolheu-se á alcova com a alma dilacerada. Tinha então quinze annos; via já claramente que devia renunciar a uma das duas cousas; a arte ou a familia. O amor e a vocação lutáram n'elle com armas de igual tempera; aspera e pertinaz refrega que acabou afinal, não pela victoria, mas pela esperança, — a esperança de conciliar o cartorio e a officina. A solução consolou-o, como sabem consolar todas as chimeras. — O pae mandou-o chamar.

— Resolvi tirar-te do cartorio, disse elle; saboreando a alegria vã do filho; vaes ser escrevente do Dr. Luiz Borges. Não só serás seu escrevente, mas até irás morar com elle. Virás ver-nos aos domingos, ou de mez em mez, conforme te portares.

Sylvestre lançou-se-lhe aos pés.

— Adeus! exclamou o pae; não percas tempo, que é aborrecer-me. Resolvi e não recuo.

Nem os rogos da mãe nem os da irmã poderam demover o procurador da resolução assentada. Força era obedecer. A mãe de Sylvestre tratou de o aconselhar a proceder bem, com o fim de ver se afrouxava o animo do pae; a irmã desfazia-se em lagrimas; o procurador afogava a commoção em rapé.

O Dr. Luiz Borges que José Vargas tirava assim da algibeira, como um chicote para castigar o filho, estivera com o procurador duas horas depois da reprehensão que este fizera ao rapaz. O procurador contou-lhe as suas magoas, a repugnancia do filho ao trabalho forense, a inclinação de desenhar retratos.

— A maior parté do tempo consome-a n'aquillo, disse elle. Se não fosse franzino eu já o tinha mettido no arsenal ou em alguma outra parte, em que o obrigasse tal ou qual disciplina. Não sei realmente o que espera elle da.....

— Mas já vio alguma pintura d'elle?

— Eu sei lá! nns rabiscos e pincelladas, que não entendo. Mas, ainda que entendesse aquillo é lá officio que deixe lucro?

O advogado torceu a pera, concertou a gravata e disse :

— Vou propor-lhe uma cousa.

— Diga!

— Seu filho precisa de um freio não é? Pois eu me encarrego de o pôr a bom caminho. Faço-o meu escrevente, trabalhará debaixo da minha inspecção. Mas, não sendo isso bastante, convem que elle venha viver commigo; sahirá do escriptorio para casa, e de casa para o escriptorio. Fal-o hei trabalhar, de modo que esqueça as taes pinturas. Serve-lhe?

A proposta era tão inesperada que o procurador não pôde responder logo; tudo entrava em seus calculos, menos separar-se do filho. Comtudo, a offerta era tão generosa, a protecção do advogado tão util, que fora erro e descortezia não aceitar. O procurador acceitou, com muito agradecimento. Assentou-se que Sylvestre iria na segunda feira proxima para casa de Luiz Borges.

Sylvestre empacotou os seus pinceis, telas e cavalete, o seu livro de artes, alguns desenhos, varios esboços, enrolou tudo em folhas verdes de esperança, engolindo muita lagrima, e declarou-se prompto a seguir seu destino. O pae commoveu-se na occasião de o abençoar, mas disfarçou o abalo dizendo ao filho :

— Vae com Deus! Se trabalhares com afinco e zelo, ha em ti um bom tabellião.

— Não, murmurava o coração do adolescente, ha em mim uma obra-prima.

## II.

O Dr. Luiz Borges morava na praia da Gamboa, n'uma casa elegante, ainda que pequena, construida á custa de muitas razões finaes. Era homem de quarenta annos, casado com uma gentilissima senhora de vinte e cinco, sem filhos nem parentes, quasi sem amigos. A fortuna não era nem surda nem solicita aos rogos do advogado; era como a maré que elle via das janellas todos os dias; enchia e vazava. Elle tinha a virtude de não esmorecer com as vazantes nem allucinar-se com as enchentes. *Laboremus* era a sua maxima.

Quando Sylvestre alli appareceu, no dia ajustado, acabava o Dr. Borges de ler as folhas e preparava-se para ir ao almoço. O pae fez entrega do filho e sahio. O pequeno ficou tremulo e sem voz.

— Venha cá, meu rebeldesinho, disse o advogado; venha sem medo. Com que então, em vez de copiar autos, V. M. dá se á pintura?...

Sylvestre não ousava levantar os olhos do chão. Não se sentia triste somente, mas irritado e indignado. Não fallava porque não podia; mas dado que pudesse, é provavel que não rompesse o silencio.

Luiz Borges caminhára para elle, com a mão esquerda ergueu-lhe a cabeça, e contemplou-lhe alguns segundos as feições finas, os olhos rutilantes de juventude e esperança, a fronte amassada de talento e ambição. Ao mesmo tempo, Sylvestre, que até então não olhára em cheio para o advogado, pode ver-lhe o rosto, que elle suppunha ser pelludo e tetrico e achava simplesmente franco e amavel.

- Ha aqui alguma cousa, murmurou o advogado.  
Sylvestre corou até á raiz dos cabellos.
- Que tem pintado você?
- Quasi nada.
- Alguma cousa, ao menos.
- Mas tão pouco!
- Ha de deixar-me ver.
- Não posso; são esboços sem valor. Quando eu fizer uma grande obra, sim.
- Olé! Já pensa n'isso?
- Não penso em outra cousa.
- Mas, menino, ninguem chega a uma grande obra, sem passar por obras pequenas. Engatinha-se antes de andar. Eu quizera vel-o engatinhar.
- Sylvestre não disse palavra.
- Tem o pudor do incompleto! pensou o advogado. Sabe que seu pae trouxe-o para cá, continuou elle em voz alta, para que trabalhe e se deixe de pinturas. Eu, porem, permitto-lhe que pinte. Sylvestre quasi desmaiou. Agarou-se ás mãos do advogado, como a pedir-lhe que repetisse o que acabava de dizer. Rio-se o advogado da alegria do pequeno, e, não só lhe disse que podia pintar em suas horas vagas, mas até que se visse algum trabalho serio, d'onde pudesse concluir que havia n'elle talento, lhe arranjará um professor. A alma de Sylvestre respirou largamente, livre do infortunio que a opprimia; achava um protector, onde cuidava ir buscar um algoz. Podia emfim ser artista!

(Continuar-se-ha.)

VICTOR DE PAULA.





## MOSAICO.

---

### ANECDOTAS.

Uma moça amava estremecidamente a um inglez, mas obstinava-se em não querer cazar com elle.

Interrogada instantemente por elle para dizer qual era o motivo d'essa constante recusa, confessou-lhe que tinha uma perna de páo, que temia lhe não fizesse perder seu amor se consentisse a unir-se a elle.

Protestou-lhe o dito inglez que embora as tivesse ambas n'esse estado, não diminuiria por isso seu amor.

Apezar d'esses protestos a moça continuou a recusar.

Por espaço de tres mezes não voltou o inglez á casa de sua noiva, que já se arrependia de haver-lhe confessado o defeito que até alli ignorára. Findo esse tempo porém vio-o apparecer e pedir-lhe afoutamente a sua mão visto ter elle tão bem uma perna de páo.

O amoroso inglez fizéra-se cortar uma das pernas para destruir o obstaculo que se oppunha á sua felicidade.

Um tolo ao ouvir contar este facto disse havel-os conhecido de perto, e assegurava que todos os filhos que tiveram nasciam com uma perna de páo.

---

Um sujeito tendo um cantaro cheio d'excellente vinho lacrou-o a fim de estar seguro de que ninguem lh'o beberia; seu criado porém julgou que o lacre não seria um obstaculo invencivel por isso furando o cantaro na parte inferior ia bebendo o vinho de vez em quando.

O amo vendo diminuir o liquido apezar de conservar-se intacto o lacre estava admirado. Alguem a quem contou o facto disse-lhe examinai se o criado não o tira por baixo.

— Qual, respondeu o ingenuo proprietario do vinho, a porção que falta não é de baixo é de cima.

---

Molière costumava dizer que o desprezo era um pilula que podia-se engulir mas que ninguem podia mastigar sem fazer muitas caretas.

---

Um mariola carregado de feixes de lenha gritava pela rua afasta! afasta! Um elegante sem fazer caso de seus gritos, passou tão junto d'elle que um dos feixes pegando-lhe na manga da sobrecasaca rasgou-lh'a; elle indignado leva o mariola á policia, formula sua queixa e quer ser indemnizado. O mariola em sua defesa cifra-se em abrir desmesuradamente a boca sem comtudo proferir som algum.

— Sois mudo? perguntou-lhe o commissario de policia.

— Qual mudo, interrompe o elegante, é fingimento, porque ainda ha pouco gritava afasta, afasta! com toda a força de seus pulmões.

— N'esse caso, tornou-lhe o commissario, se lhe ouvistes a advertencia e a desprezastes sois vós o culpado do damno de que vos queixaes; e soltou o mariola.

---

Perguntava-se a um mercador, que fôra feito conde por dinheiro, porque suas armas não estavam pintadas em suas carruagens; é porque minhas carruagens são mais antigas do que minha nobrez, respondeu elle.

---

Cicero fallando de Caninius Revetius que não fôra consul mais que dia costumava dizer: Temos um consul tão vigilante que nunca dormio durante seu consulado.

---

O presidente d'um tribunal perguntava a uma das testemunhas se não era parente ou alliado do réo.

— Quanto a isso, disse a testemunha, não o posso asseverar porque sou engeitado.

---

Um namorado surprehendendo sua noiva em pleno delicto de infidelidade queixava-se de que ella já o não amava.

— Já te não amo? perguntou ella, e quem te disse isso?

— Quem? o que estou vendo.

— Ah! ingrato! exclamou a noiva, confessa que és tu que já me não amas pois dás mais credito ao que vês do que ás minhas palavras.

---

Uma senhora espirituosa costumava dizer que os poetas pintam com a palavra, e os pintores fallam com os pinceis.

---

Um poeta que havia feito versos em honra de Napoleão fel-os tambem em honra da restauração. Tendo-os apresentado a Luiz XVIII, o rei disse-lhe: Vossa poesia está muito bonita mas parece-me que a que fizestes em honra de Napoleão é mais bonita.

— Senhor, respondeu o poeta, V. M., sabe que os poetas são mais felizes na ficção do que na realidade.

---

Ha pessoas extremamente amigas do genero humano, mas que por muito prometterem estão sempre na impossibilidade de cumprirem. A senhora de X..., dizia a um personagem que pertencia ao numero d'esses de que acabo de mencionar que elle passava a manhã a prometter e a tarde a desculpar-se.

---

Um fidalgo hespanhol tão nobre como o rei, e tão pobre como Job, chegando de noite á Italia foi bater n'uma hospedaria e só a muito custo conseguiu despertar o dono que chegando á janella perguntou-lhe com máo humor; quem é?

— É, responde o hespanhol, D. João Pedro Hernandez Rodriguez de Villa-Nova, conde de Malafra, cavalleiro de Santiago e Alcantara.

Sinto muito, tornou-lhe o hospedeiro fechando a janella, mas não tenho quartos para tanta gente.

---

Sobre a porta d'um gabinete de leitura lia-se a seguinte inscripção: roga-se aos senhores que leem soletrado de não tomarem os jornaes do dia e sim os da vespera como mais desoccupados.

---

A terceira mulher de Milton era possuidora d'um genio insupportavel, mas em compensação tinha belleza e uma cutis extraordinariamente fresca. Um amigo do poeta indo-o visitar e vendo a esposa de seu amigo disse-lhe : — Vossa mulher tem a frescura da rosa. — É possível, tornou-lhe o poeta, mas como sou cego não aprecio d'essa rosa senão os espinhos.

---

Malherbe querendo mostrar quanto erão rusticos e grosseiros os habitantes de certa cidade dizia : — Que o bom senso tentando passar por alli fôra atacado de paralytia.

---

Franklin gostava de repetir uma observação que lhe fizera um negro a quem acabava d'explicar o que era um nobre.

— Meu Senhor, disséra-lhe o africano, tudo trabalha n'esta terra, a agua, o fogo, a fumaça, os cães, os cavallos e os homens, só o porco come, bebe, e dorme logo elle é o unico nobre da Inglaterra.

---

Dominiquino vendo que uma cabala d'ignorantes, que habitualmente se encarniçava em deprimir todos os seus quadros, achára alguma cousa de muito seu agrado no ultimo que acabava de pintar, dizia a seus amigos : — Quem sabe si meu pincel me não trahio e não deixou escapar algum erro que cahio em graça a esses ignorantes!

---

Um cego indo encher um regador d'agua na bica levava uma vela accesa na outra mão.

— Para que vos serve essa vela se não enxergais? perguntou-lhe um transeunte.

— Para que vós e outros não abalroem commigo, respondeu-lhe o cego.

---

Um sujeito muito rico legou a uma ordem religiosa toda a sua fortuna, com a unica clausula de dar a seu sobrinho o que ella quizesse. Por morte do testador a dita ordem apossou-se de tudo, e não queria ceder cousa alguma ao pobre sobrinho, este queixou-se e a ordem foi chamada perante o tribunal. O juiz tendo lido o testamento pergunta-lhe :

- Quanto tencionais dar a este rapaz?  
— Cincoento contos, responde a herdeira.  
— Muito bem, disse o juiz, mas vós não entendestes o testamento; nelle é dito que pertencerá ao sobrinho a somma que vós quizerdes, e como a que vós quereis é de nove contos e cincoenta contos, entregal-a-heis ao dito sobrinho, ficando para vós os cincoenta que lhe destinastes os quaes prefazem os mil em que importa a fortuna do testador. A ordem teve de cumprir resignadamente a sentença.
- 

Um papa que gastava os thesouros da igreja em construir grandes palacios ao passo que os pobres morriam á fome vio uma manhã a seguinte inscripção pregada numa das paredes de suas obras : *Senhor fazei com que estas pedras se convertam em pão!*

PAULINA PHILADELPHIA.





## POESIA.

---

### A VIUVA E O ORPHÃO.

Minha mãe, quero comer,  
Dê-me um pedaço de pão;  
Venho da escola cansado,  
Com muita disposição.

Tem paciência, meu filho,  
Nada tenho que te dar;  
O pão que hontem sobrou,  
Te dei hoje p'ra almoçar.

Porem... espera um momento,  
Alguem nos ha de valer;  
Vou pedir, não ha remedio,  
É p'ra meu filho comer.

Não va, minha mãe, não va,  
Não se envergonhe por mim;  
S'eu soubesse que não tinha,  
Não lhe affligia assim...

Eu vou á casa da tia  
Brincar com primo Rodrigo;

Elle deve estar jantando,  
Talvez reparta comigo.

. . . . .

Assim que o filho sahio,  
A mãe afflicta prostrou-se,  
Ergueu as supplices mãos,  
Orou... e resignou-se.

Ella tambem tinha fome,  
Mas faltava o que comer;  
Porem maior desespero  
Era o filhinho soffrer.

E assim qu'elle chegou  
Foi-lhe logo perguntar :  
Então filhinho querido,  
Te deram lá que jantar ?

Minha mãe, quando cheguei,  
A tia estava jantando,  
Mas como me não chamou,  
Fiquei na porta esperando.

O primo que me quer bem,  
Chamou-me para jantar,  
Porem a tia, zangada,  
Baixinho pôz-se a ralhar!...

Quiz pedir, porem lembrei-me  
Do menino pedinchão,  
Cuja historia a mãe contou-me  
N'este ultimo serão.

Por isso, me vim embóra,  
Muito triste e descontente,  
Por ver a tia tão má,  
Que não tem pena da gente.

. . . . .

Porem mãezinha, que tem ?  
Tão pallida! está doente ?

Minha mãe tambem tem fome  
Oh! meu Deus, como ella sente !

Eu vou pedir uma esmola,  
Minha mãe, não esmoreça...  
Nem todos hão de dizer-me  
Deus que te favoreça.

Porem... lá vejo na porta  
Um homem qu'está de pé !  
— « Eu não posso levantar-me,  
Vai meu filho ver quem é.

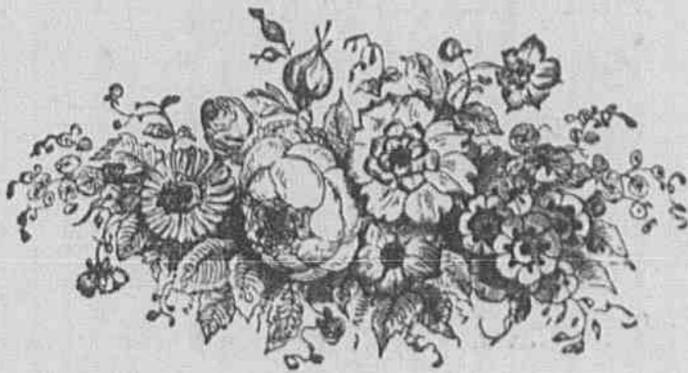
Não s'encommode senhora,  
Se permite quero entrar,  
É um amigo dos pobres  
Que aos pobres vem visitar.

Aqui tem, minha senhora,  
Um soccorro verdadeiro ;  
Aceite-o, mas não pergunte  
Quem lhe dá este dinheiro.

Porem senhor, como devo  
Receber este favor,  
Sem poder beijar a mão  
Do meu grande bemfeitor? »

Minha mãe, diz o menino  
Com a mais viva alegria :  
Eu conheço este senhor....  
É lá da — Maçonaria !

\*\*\*





## MODAS.

---

### DESCRIÇÃO DO FIGURINO DE MODAS.

*Primeiro vestuario.* — Este trajo para passeio é de *faille* azul. A saia é ornada com um fôlho de preguinhas.

A tunica leva *plissés* até a cintura; reversos grandes de adamascado azul ornados com um pequeno *plissé* de *faille*. Corpinho-couraça adamascado, e ornado na frente com varias pregas de *faille* lisa. A manga de adamascado é ornada com um canhão dobrado; um redondo de adamascado, o outro mais pontudo de *faille* lisa: *plissé* pequeno de *faille* na orla da manga. Chapéo de filó branco levando como ornato uma pluma branca e uma grinalda de flores brancas.

*Segundo vestuario para noiva.* — O vestido de *faille* branca dito *princesse* leva atraz muitas pregas: a frente da saia tem como ornato um fôlho franzido tendo por cima corrediças pequenas postas sobre umas pregas de *faille* branca; a cabeça do fôlho é franzida. Um fôlho grande de renda branca é collocado um pouco de vuez para formar uma manta enfeitada com ramalhetes de flores de laranjeira. A frente do vestido leva uma grinalda das mesmas flôres. A manga leva um *plissé* em forma de leque assim como sobre a costura do cotovello; ramalhetes pequenos de flores de laranjeira sobre o dito *plissé*.

O véo, tão comprido como o vestido, é de filó dito *illusão*.  
A corôa colloca-se um pouco atraz; duas grinaldas grandes cahem até á cintura.

## TRABALHOS.

---

### EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE BORDADOS E TRABALHOS.

Nº 1. — *Véo para poltrona de bordado veneziano.* Para executar esta obra pode-se usar da estampa mesma como transparente sobre a cassa. Alinhavam-se primeiro todos os contornos do desenho e segue-se depois o que

está indicado com um ponto de festão. Depois de acabado, recorta-se a fazenda debaixo das barrinhas. Pode-se, querendo, ajuntar-lhe um franjado de algodão branco ou um ponto de festão como o marca o desenho.

Nº 2. — *Extremidade de gravata*. Este trabalho se faz sobre cassa, filó, tafetá ou *foulard*. Nos dois primeiros casos a obra toda é de plumetis e festão; no segundo borda-se ao *passé* com retroz branco ou côres vivas. O pequeno festão continua-se por todo o comprimento da gravata.

Nº 3. — *Cercadura para saia*. As linhas em pontos indicam um pequeno *plissé* que se applica antes de bordar. Borda-se depois o ramo de flores em ponto de *plumetis* e o outro desenho com trancelim fino. Tudo o que encaixilha o *plissé* é feito em ponto de festão. Pode-se, querendo, repetir o mesmo desenho em todas as pontas.

Nº 4. — *Cercadura pequena para roupa fina*. Ilhós, bordado inglez e ponto de festão. Supprimindo o festão que termina os ramos interiores, essa cercadura poderia servir como entremeio.

Nº 5. — *Desenho para circulo de guardanapo*. O nosso modelo era de veludo azul, bordado ao *passé* de côr sobressahindo sobre o fundo.

Nº 6. — *Quadrado para tapete de candieiro*. Pode-se bordar sobre cachemira, panno ou veludo. O nosso modelo era sobre panno preto, bordado ao *passé* com retroz côr de rosa de dois matizes, empregados conforme o capricho. Depois de acabado é de lindissimo effeito.

Nº 7. — *Cercadura para roupa fina de criança*. Plumetis, grãos e festão.

Nº 8. — *Desenho para almofada de canapé*. A obra toda é de applicação de veludo sobre setim ou cachemira cosendo a applicação seja com um trancelim fino de ouro ou prata, seja com um ponto de festão de côr sobressahindo sobre o fundo. Os dois matizes devem harmonisar-se com os papeis de forro e cortinas do quarto. Este trabalho um pouco exquisito é muito em moda este anno. O mesmo desenho serve para a almofada toda.

Nº 9. — *Desenho para cordão de campainha, tira para reposteiro, poltronas pequenas, etc.* A folhagem verde é de dois matizes ao *passé*, as uvas azueis ou encarnadas, a ave de côres sobressahindo sobre o fundo.

Nº 10. — *Cercadura para roupa fina*. Saias, calças, vestidos para crianças, etc. Bordado inglez, *plumetis* e barrinhas abertas.

Nº 11. — *Orla para cobertor de altar, toalha, etc.* A obra executa-se sobre fazenda de côr, cassa ou filó. No primeiro caso é feita inteiramente em ponto de *chainette*; nos dois outros ao *plumetis* ou em ponto de serzido.

Nº 12. — *Desenho para circulo de guardanapo*. Pode servir tambem para galão de reposteiro ou tira de poltrona pequena. A obra toda é em ponto de *chainette* ou de trancelins de côr ou de ouro.

Nº 13 até nº 17. — *Nomes e iniciaes ornados*.

### EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE MOLDES.

#### VERSO DA PRECEDENTE ESTAMPA DE BORDADOS.

*Molde d'um paletó de menina de 9 para 12 annos.*

Nº 1. — *Frente*. A parte superior é dobra da por falta de espaço.

Nº 2. — *Costas*.

Nº 3. — *Pequeno lado* que se corta d'um pedaço só com a frente.

Nº 4. — *Manga* que se corta de dois pedaços : a parte inferior está indicada por uma linha em pontos, o canhão também.

Nº 5. — *Algibeira*. É preciso cosel-a no lugar indicado na estampa.

Nº 6. — *Debuço do paletó depois de acabado*.

O nosso modelo era de panno leve azul com debruns de galão branco sobre todas as costuras e as orlas.

Pode-se executar este bonito traço de qualquer fazenda.

Nº 7. — *Segunda metade do alfabeto* cujo principio demos no precedente numero.

Nº 8. — *S. G. entresachado*; cordãozinho e festão.

### EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA GRANDE DE TRABALHOS DIVERSOS.

#### RECTO.

Nº 1. — *Tiras alternadas* de filó e tarlatana reunidas por entremeios de cambraia para traço de criancinha, colcha, etc.

Nº 2. — *Metade d'um ornato para vaso de flores* de applicação de fazenda de linho bordada e guipure. O desenho se executa a fazenda por baixo e a guipure por cima; corta-se depois a guipure nas partes pretas do desenho. A fazenda deve ser forte e d'uma côr viva; o bordado de retroz ou de algodão sobresahindo sobre o fundo. Pode-se recortar a parte preta do desenho da orla superior.

Nº 3. — *Cercadura* de cambraia bordada.

Nº 4. — *Cercadura grande para cortina*. Applicação de cassa sobre filó em ponto de chainette.

Nº 5. — *Manguito* de guipure. As orlas são guarnecidas com renda.

Nº 6. — *Tira para cordão* de campainha. Guipure sobre fitas de seda : executa-se o desenho de retroz de côr sobresahindo sobre a fita; recorta-se a guipure nos brancos grandes do desenho.

Nº 7. — *Rico cobertor* para almofada de alfinetes ou de caixinha para joias. Seda côr de rosa adamascada, orlada com guipure ou filó bordado.

Nº 8. — *Entremeio* para roupa fina.

#### VERSO.

Nº I. — *Quadrado* de applicação de cachemira sobre panno.

Nº II. — *Canto de lenço* de filó bordado (*desenho reduzido*.)

Nº III. — *Canto de cercadura* de tapeçaria para almofada, tapete, etc. Os matizes do nosso modelo, que se podem variar, são : os pretos, azul escuro; os cinzentos, côr de rosa; as linbas brancas grandes, encarnado Solferino; os quadradinhos brancos, verde claro; os pontos, roxo escuro; as cruces, azul muito claro.

Nº IV. — *Specimen* de cartão-talagarça, recortado nas orlas. Pode-se executar-o também sobre talagarça ou cassa em ponto en cruzado.

Nº V. — *Tira de applicação* de cambraia sobre filó.

Nº VI. — *Quadrado* de applicação de fazenda de linho sobre cassa, tarlatana ou filó.

Nº VII. — *Canto de cercadura* de tapeçaria. As côres do nosso modelo eram : fundo preto; os brancos, côr de laranja; as cruces, azul claro; o pontos, azul escuro.

Nº VIII. — *Tira de tapeçaria*; os pretos, encarnado roxo; os brancos encarnado vivo; as cruces, azul marinha. O mesmo desenho se faz também de filet bordado ou de crochet.

Nº IX. — *Tira grande de tapeçaria*. Fundo azul escuro; as linhas que formam os quadradinhos do fundo, azul muito claro; as cruces no meio do quadradinho, côr de rosa; os arabescos do desenho, encarnado muito vivo. Com esta tira repetida á direita e á esquerda, formar-se-ha um rico tapete.

Nº X. — *Cercadura para saia* de trancelim.

Nº XI. — *Frente de camisa* bordada.

Nº XII. — *Quadradinho* de applicação de cachemira sobre panno.

### A VIA APPIA.

GRAVURA SOBRE MADEIRA.

A Via Appia em Roma que é fielmente representada pela gravura do presente Numero, é a mais antiga de todas as vias romanas. Construída por Appius Claudius Cæcus e atravessando o territorio de todas as populações italicas, ella facilitava o transporte das tropas com grande rapidez e estendia-se desde a Porta S. Sebastião até Brindisi.

As lutas fraticidas da idade media destruíram grande numero dos tumulos e monumentos que ornavam essa via; porem, pelos cuidados de Pio IX, a maior parte foram novamente edificadas.





VIA APPIA EM ROMA.



# JORNAL DAS FAMILIAS

XV Anno \_ Junho 1877

# JORNAL DAS FAMILIAS

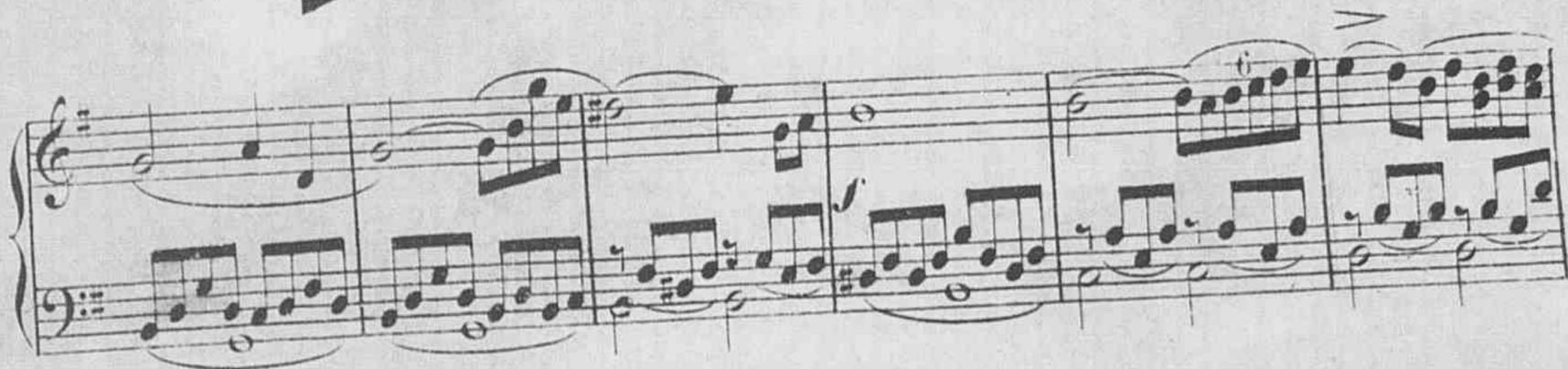
## O SALUTARIS

para MEZZO SOPRANO.

CH. LE CORBEILLER.

ORGÃO

*Larghetto. con espressione.*



*dolce espressivo.*

*p* O Sa-lu-ta-ris Sa-lu-ta-ris hos-tia,



Quae ce-li pan-dis Quae ce-li pandis os-ti-um;

*rit.*

*segue.*



Bel - - - la pre - munt hos - ti - li - a, hos - - ti - li -

- a, Bella premunt hos - ti - li - a, *rit.* *1º tempo.* *p* Da - ro - bur, *f attendez* *1º tempo.*

fer au - xi - lium. Da ro - bur, fer au - xi - li -

*p* um. um. *1ª* *2ª*



*dolce espressivo.*

Je - su. San - ta Ma -

The first system of music features a vocal line in treble clef and a piano accompaniment in grand staff. The vocal line begins with a half note 'Je' followed by a quarter note 'su.' and then a long rest. The piano accompaniment starts with a forte 'f' dynamic and consists of a series of chords and moving lines in both hands.

- ri - a, ma - ter De - i, O - ra pro nobis

The second system continues the vocal line with 'ri - a, ma - ter De - i, O - ra pro nobis'. The piano accompaniment features a melodic line in the right hand and a supporting bass line in the left hand, with a mezzo-forte 'mf' dynamic marking.

Ora pro no - bis pec - ca - to - ri - bus, Nunc et in

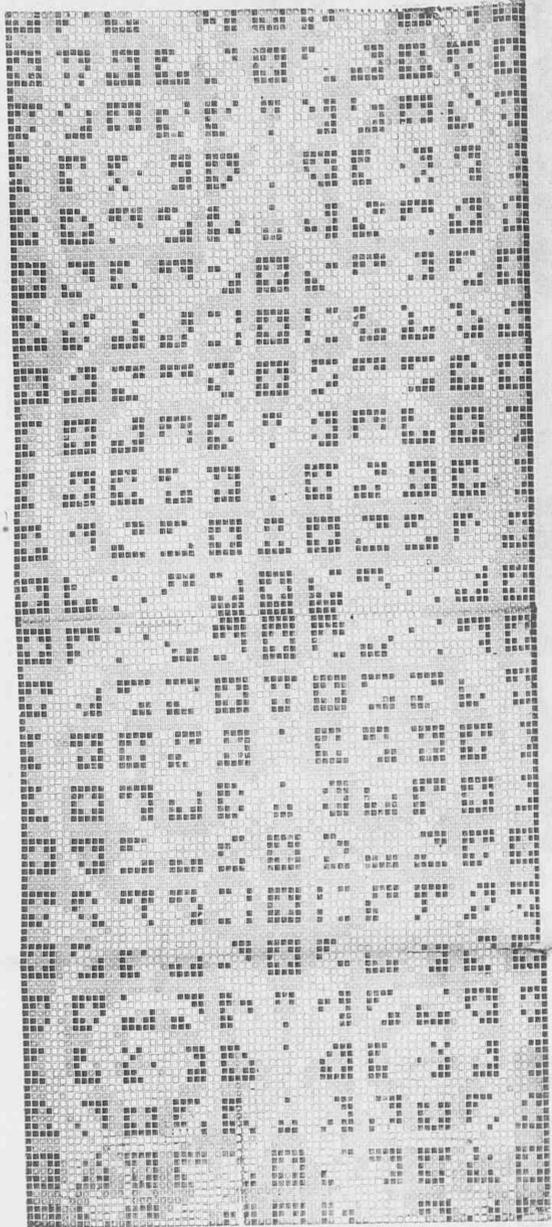
The third system contains the vocal line 'Ora pro no - bis pec - ca - to - ri - bus, Nunc et in'. The piano accompaniment includes a forte 'f' dynamic marking and a mezzo-forte 'mf' dynamic marking, with a 'dim.' (diminuendo) instruction at the end.

ho - ra mor - tis nos - tram - tue. A - - men.

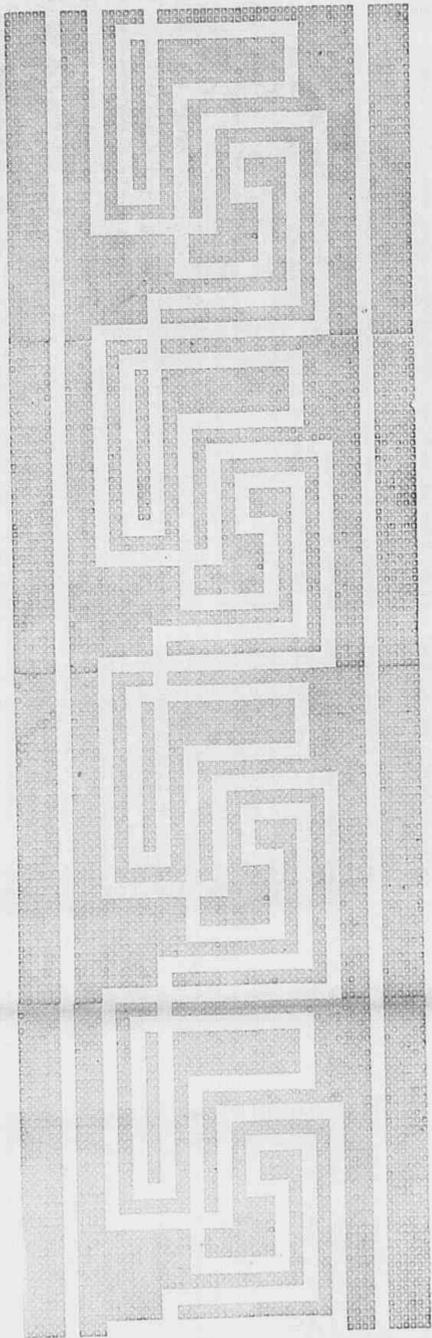
The fourth system features the vocal line 'ho - ra mor - tis nos - tram - tue. A - - men.' with a 'rit.' (ritardando) marking above the vocal line. The piano accompaniment also includes a 'rit.' marking and a decrescendo hairpin.

*ad libitum.* men.

The fifth system shows the vocal line with the instruction '*ad libitum.*' above it, followed by 'men.'. The piano accompaniment includes a piano 'p' dynamic marking and a pianissimo 'pp' dynamic marking.



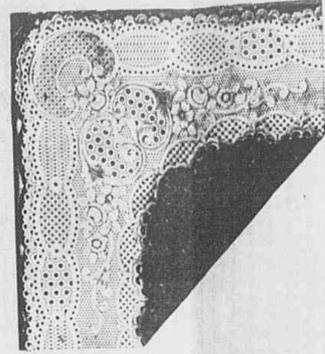
XIX



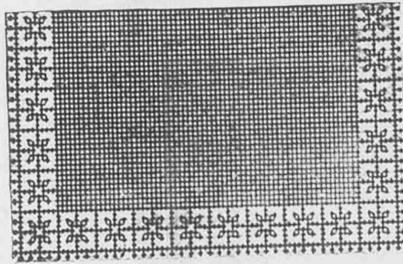
X



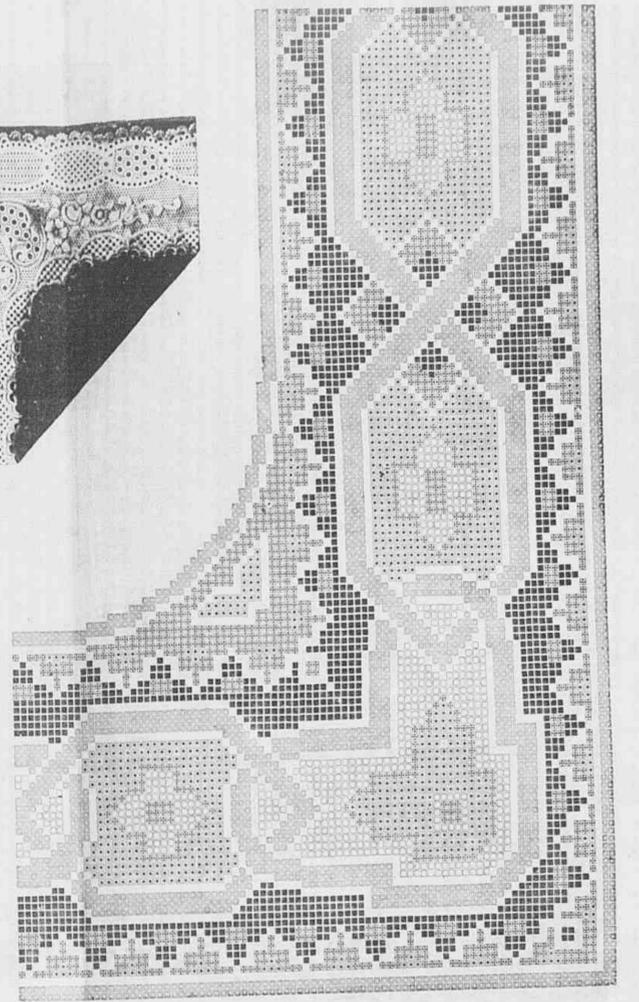
I



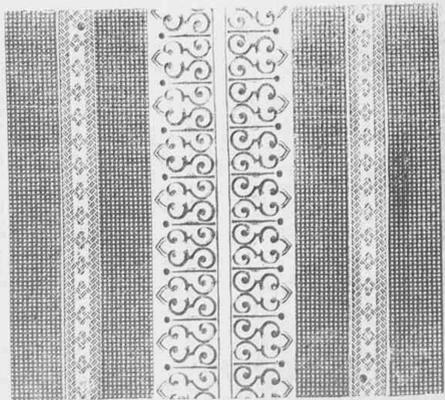
II



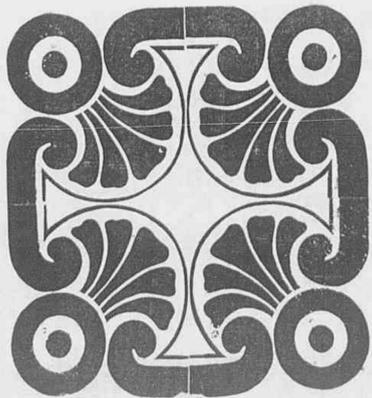
IV



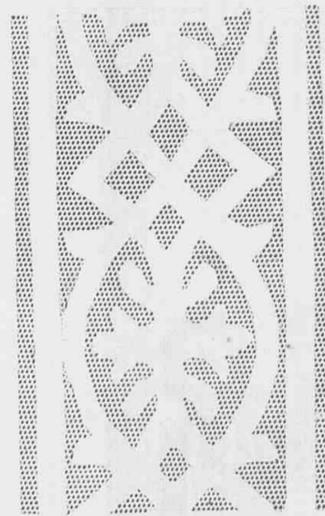
III



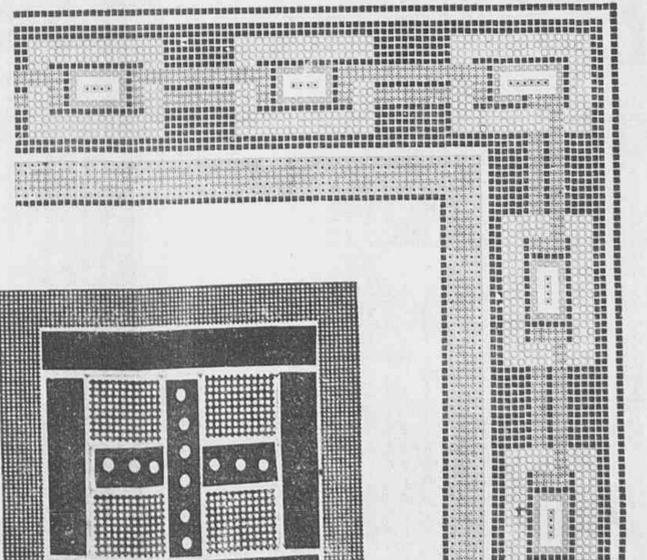
XI



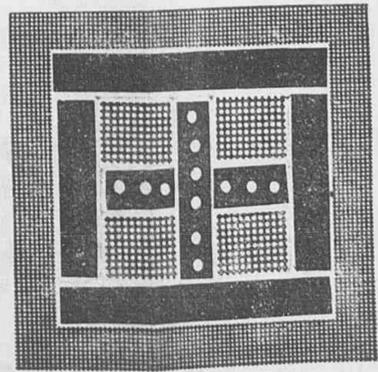
XII



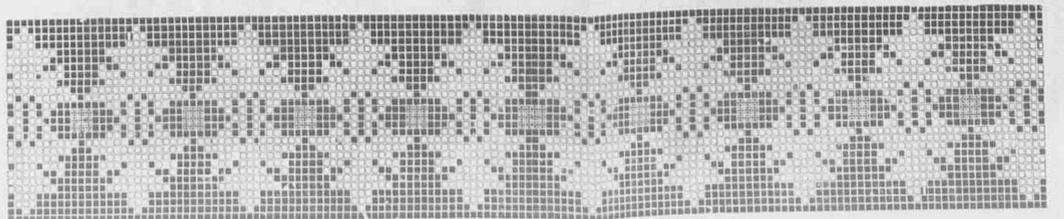
V



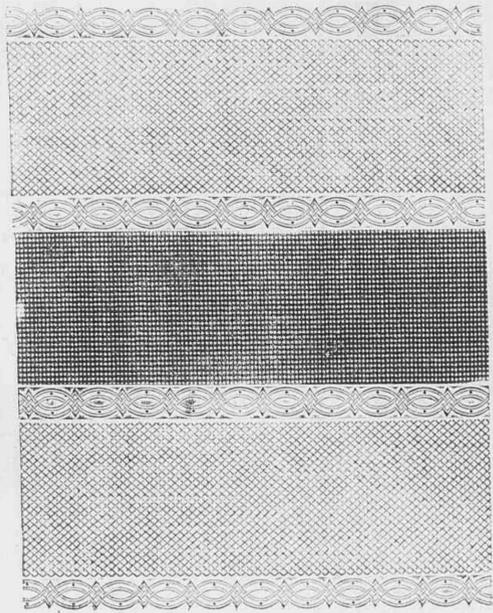
VII



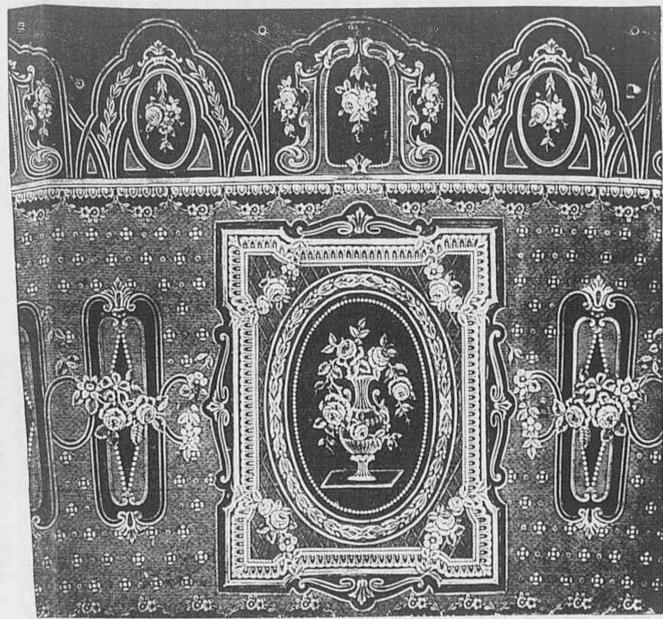
VI



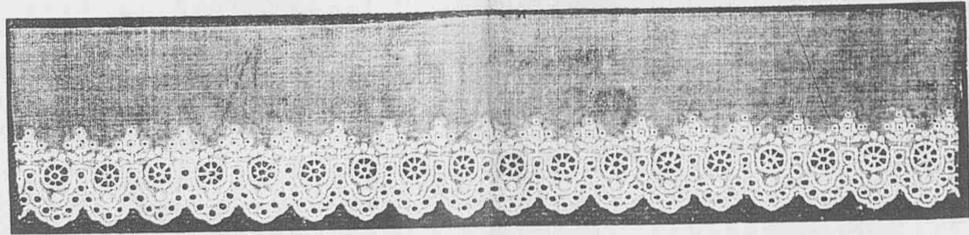
VIII



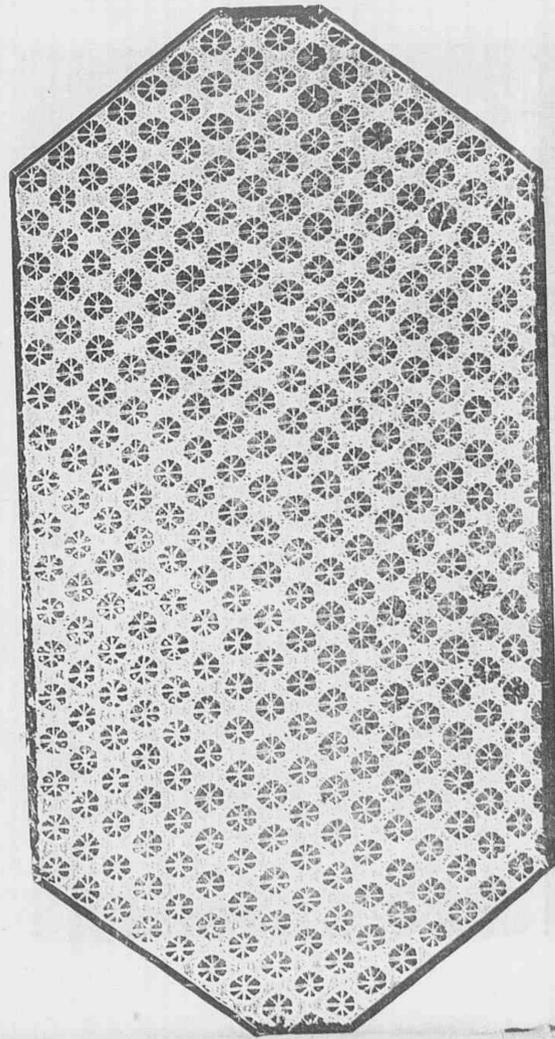
N° 1.



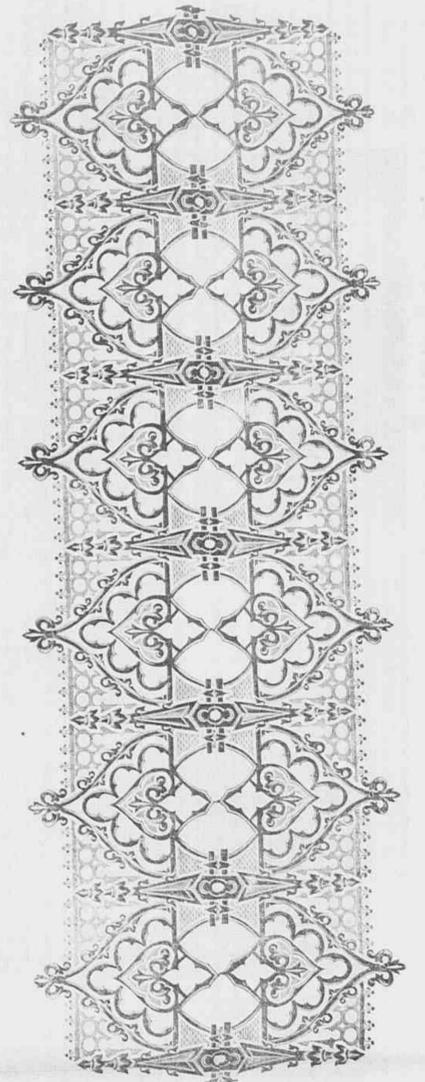
N° 2.



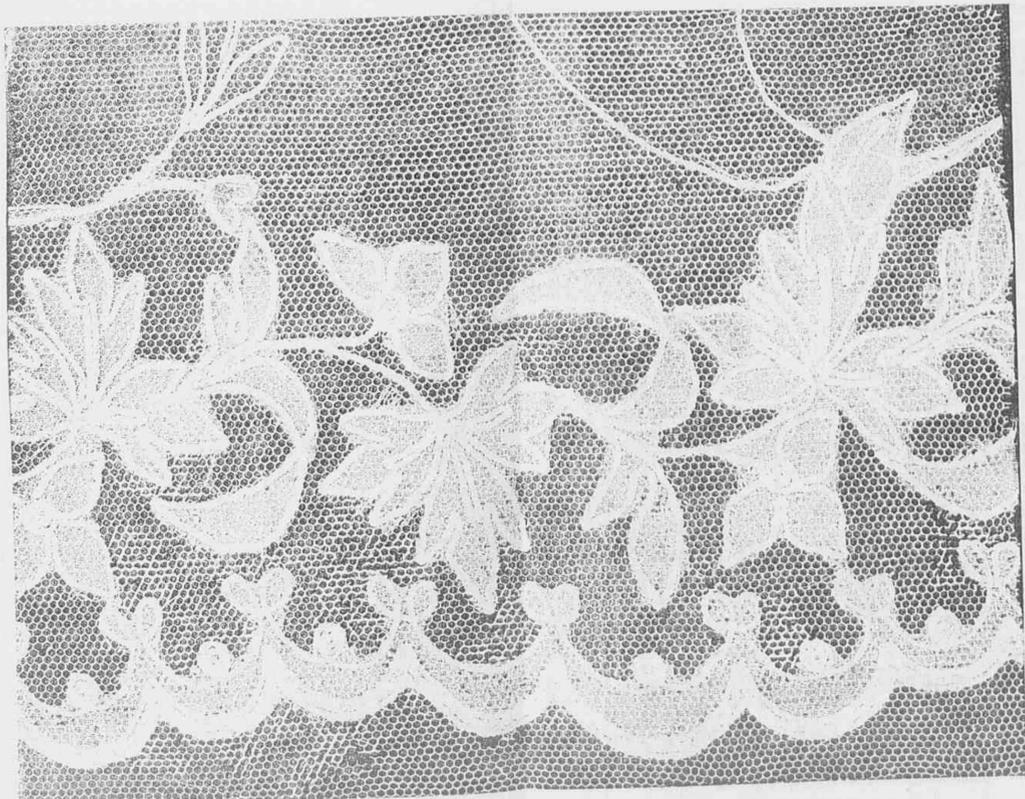
N° 3.



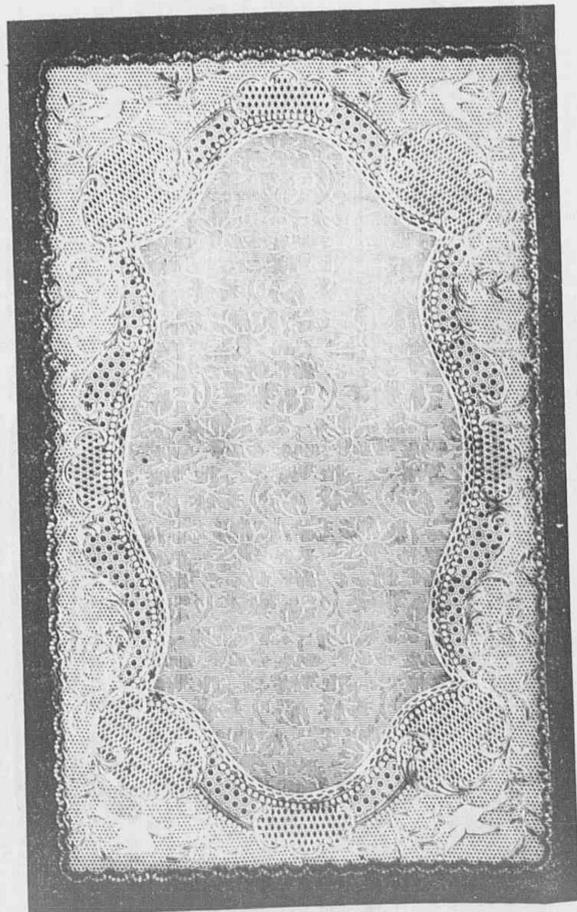
N° 5.



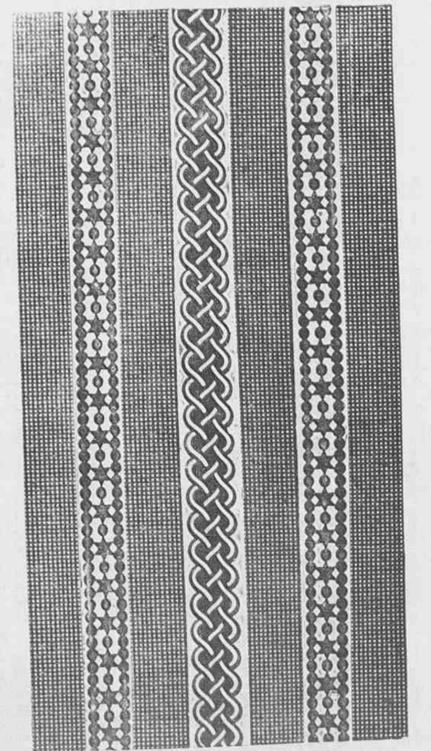
N° 6.



N° 4.



N° 7.

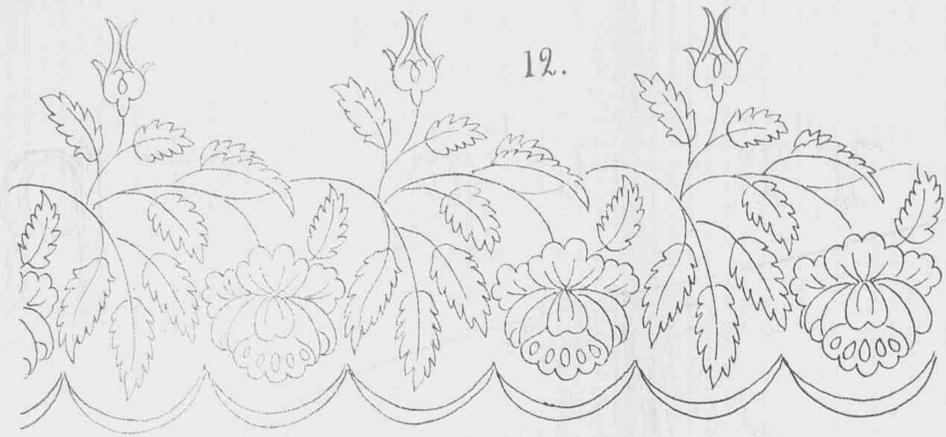


N° 8.

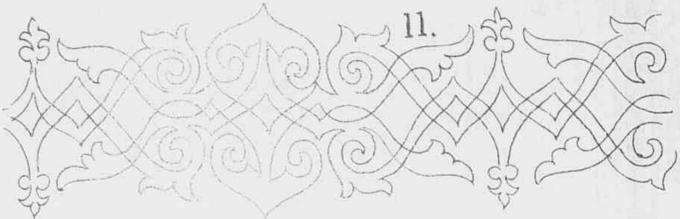
JORNAL DAS FAMILIAS

XV Anno ~ Junho 1877

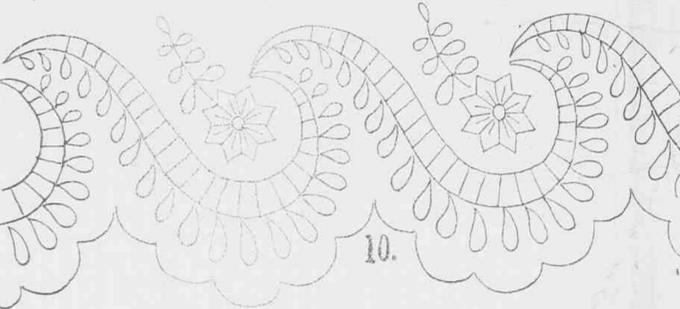
12.



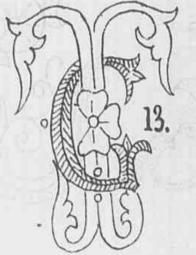
11.



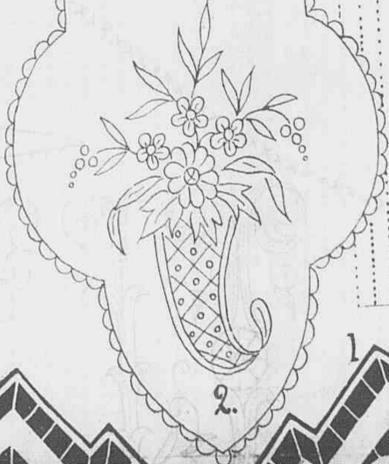
10.



9.



13.



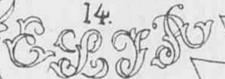
2.



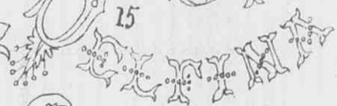
16.



14.



15.



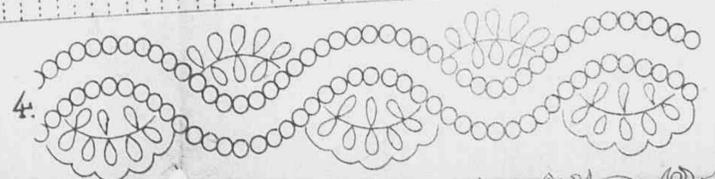
17.



3.



4.



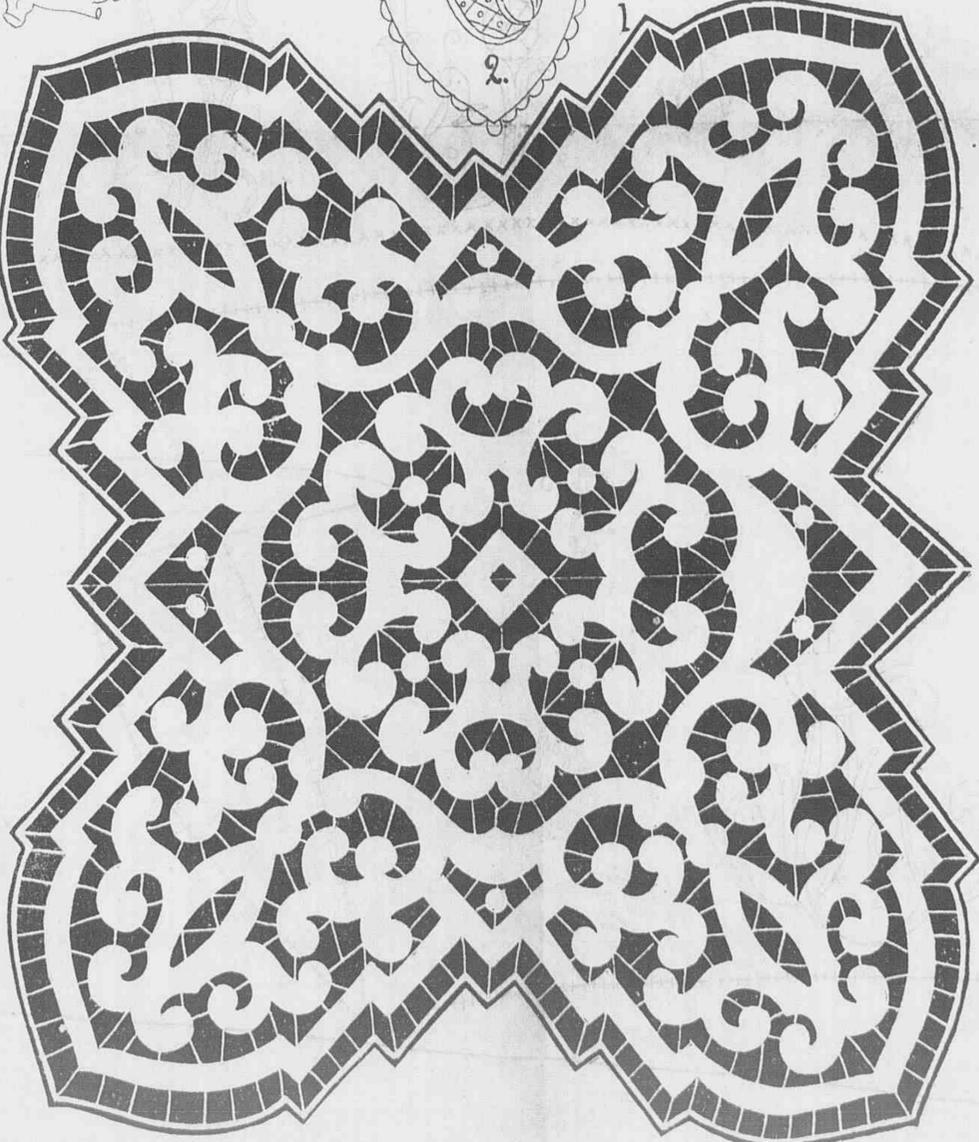
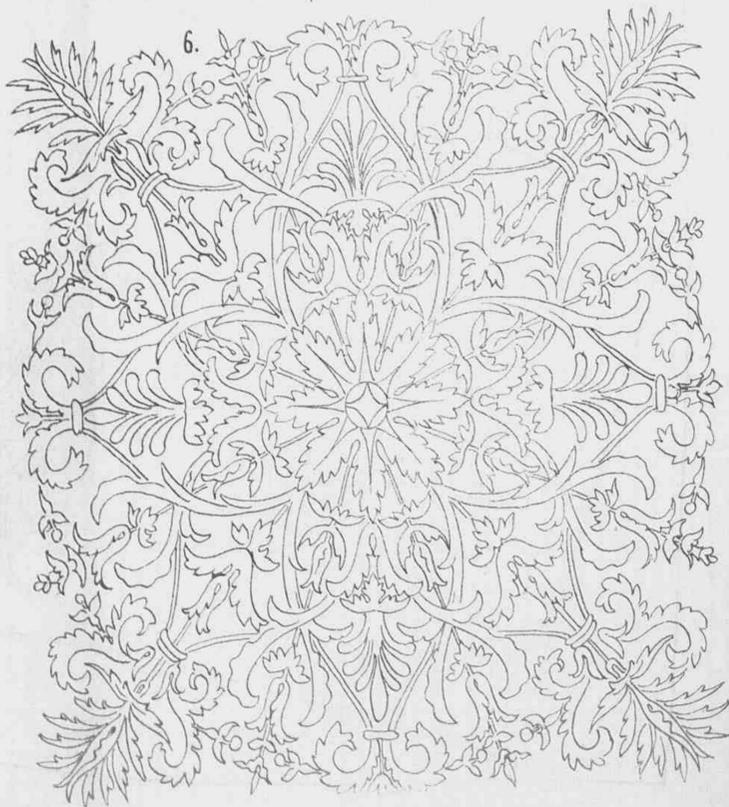
5.



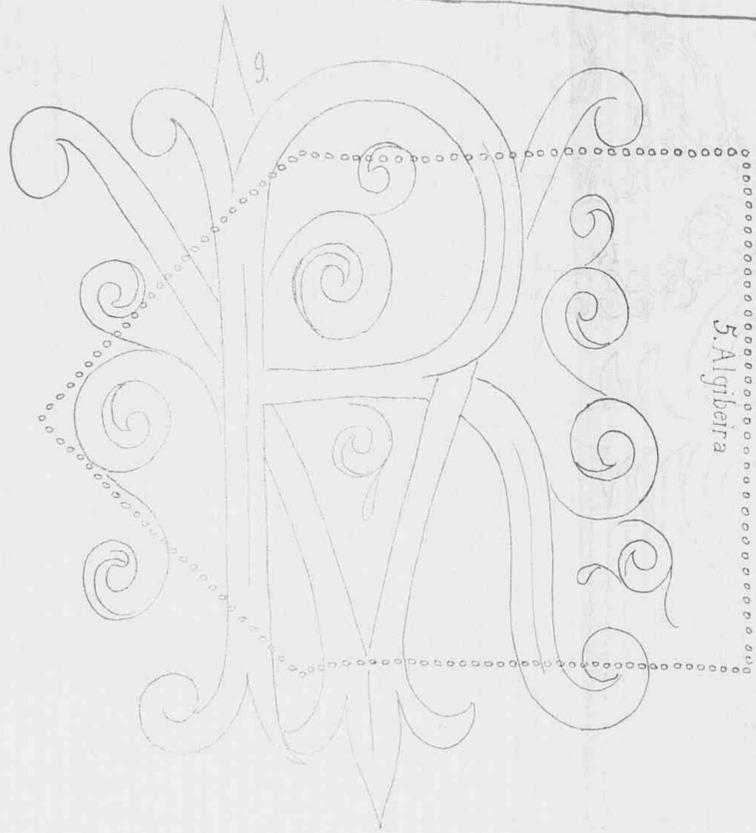
7.



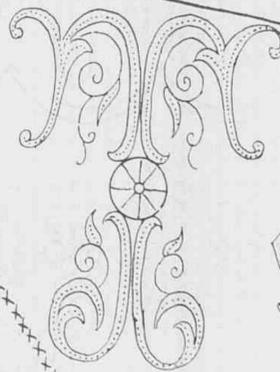
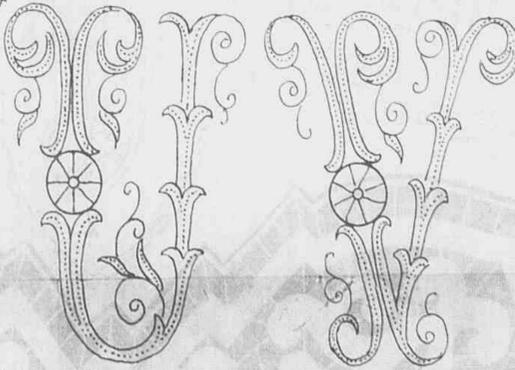
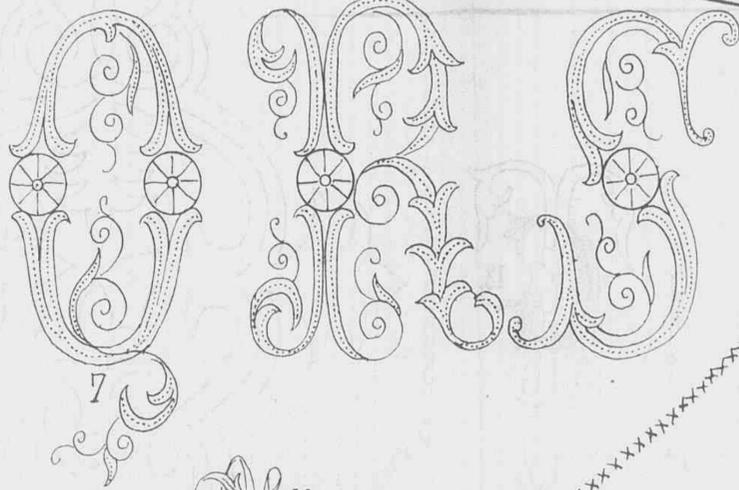
6.



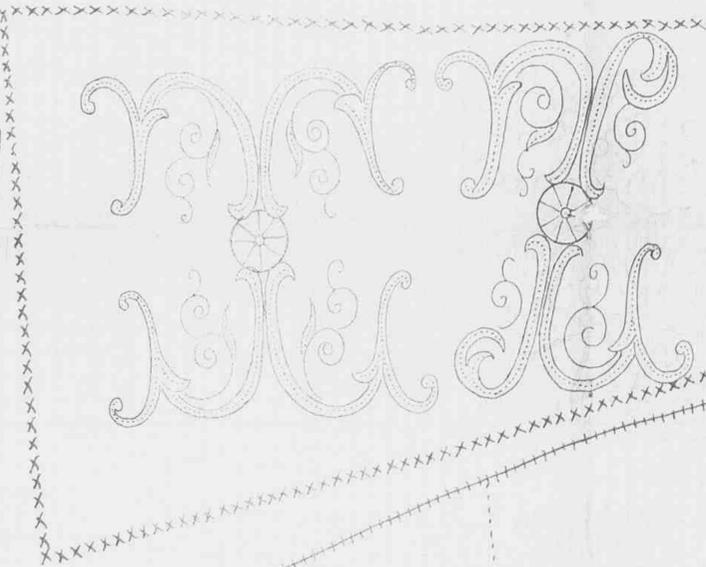
JORNAL DAS FAMILIAS



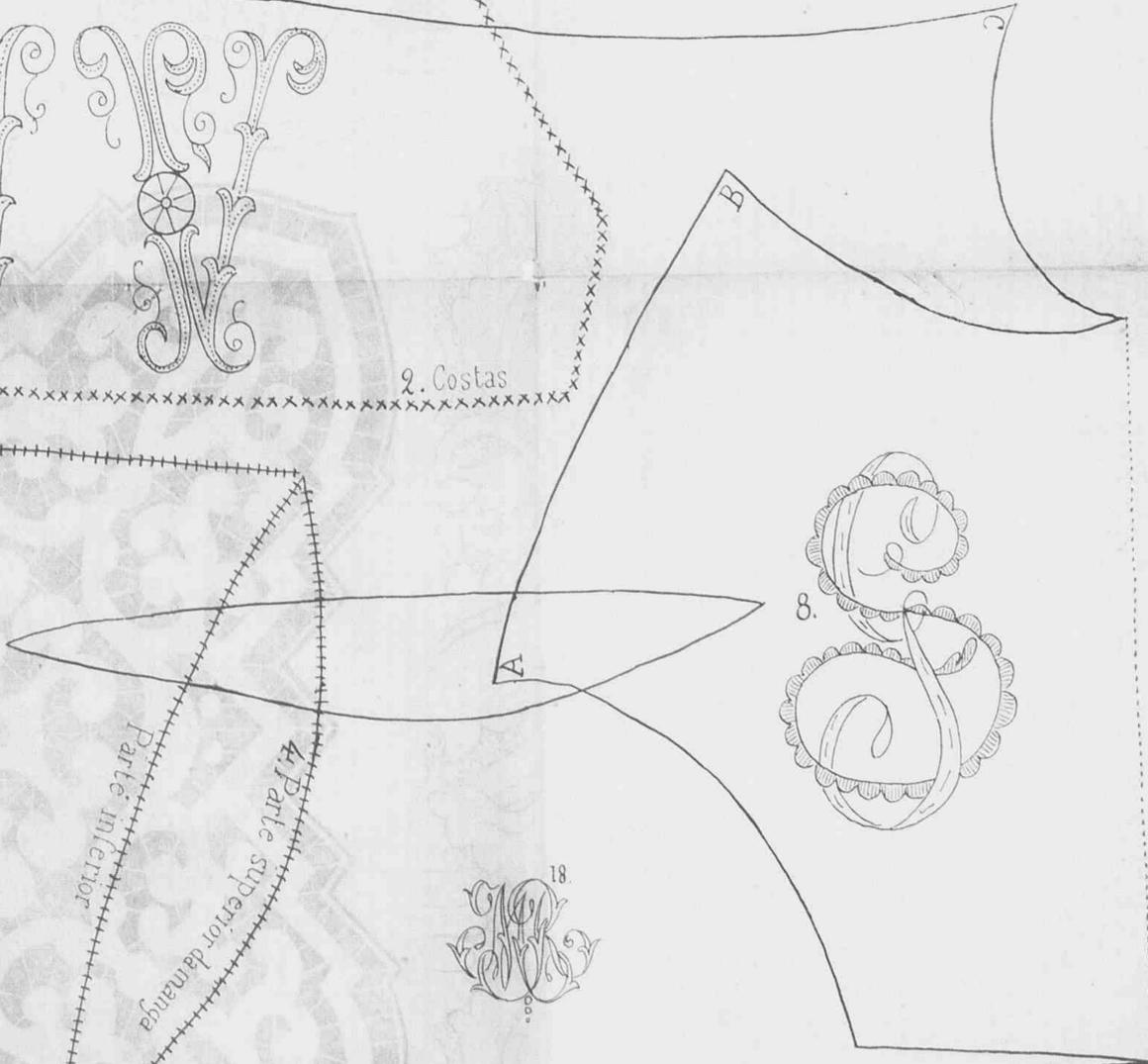
5. Aljibeira



3. Pequeno lado



2. Costas



1. Frente

Parte inferior

Parte superior da manga

EXTRACTO DOS CATALOGOS DA LIVRARIA B. L. GARNIER, RUA DO OUVIDOR, 63

<b>J. M. de Macedo.</b>		<b>FLORES ENTRE ESPINHOS.</b>		<b>SONHOS D'OURO,</b> romance brasileiro, 2 v. in-8º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000	
O FORASTEIRO, romance, 3 v. in-8º enc. 7\$000, br. . . . . 5\$000		1 v. in-8º enc. . . . . 2\$000		<b>G. M.</b>	
OS QUATRO PONTOS CARDEAIS.— A MYSTERIOSA, romances, 1 v. enc. 3\$000, br. . . . . 2\$500		<b>Machado de Assis.</b>		DIVA, perfil de mulher, 2ª edição, 1 v. enc. . . . . 3\$000	
UM NOIVO A DEAS NOIVAS, romance, 3 v. in-8º, enc. 8\$000, br. . . . . 6\$000		CONTOS FLUMINENSES, contendo: Miss Dollar, Luiz Soares, A mulher de preto, O segredo de Augusta, Confissões de uma viuva moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva, 1 v. enc. . . . . 3\$000		LUCIOLA, perfil de mulher, 3ª edição, 1 v. enc. . . . . 3\$000	
A NAMORADEIRA, romance, 3 v. enc. 8\$000, br. . . . . 6\$000		RESURREIÇÃO, romance, 1 v. in-8º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000		<b>L. Guimarães junior.</b>	
NINA, romance, 2 v. enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000		<b>Fausto.</b>		HISTORIA PARA GENTE ALIENIGEA, 2 v. in-8º enc. 5\$000 br. . . . . 4\$000	
AS MULHERES DE MANTILHA, romance historico, 2 v. enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000		SCENAS DA VIDA REPUBLICANA. Reminiscencias do feliz tempo escolar, 1 v. in-12, enc. 1\$600, br. . . . . 1\$000		CURVAS E ZIG-ZAGS. Caprichos humoristicos, 1 v. in-8º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000	
A LENETA MAGICA, romance 2 v. in-8º, enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000		UM PROVINCIANO LADINO.— ONDE SE ENCONTRA A VERDADEIRA FELICIDADE, 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. . . . . 1\$000		CONTOS SEM PRETENÇÃO: A Alma do outro Mundo, o Ultimo Concerto, o Homem e o Cão, 1 v. in-8º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000	
AS VICTIMAS ALGOZES, quadros da escravidão, 2 v. enc. 7\$000, br. . . . . 5\$000		A CAÇA DE UM BARONATO.— A HERANÇA ESPERADA E INESPERADA, 1 v. enc. 1\$600, br. . . . . 1\$000		CARLOS GOMES, perfil biographico, 1 v. br. . . . . 1\$000	
A MORENINHA, 1 v. com estampas, enc. . . . . 3\$000		UM CASAMENTO DE TIRAR O CHAPÉO, seguido de: O Diabo não é tão feio como se pinta, Charadas da campanha, Uma viagem ao sul do Brazil, 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. . . . . 1\$000		FILAGRANAS, 1 v. enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000	
A NEBULOSA, 1 v. enc. . . . . 3\$500		<b>J. de Alencar.</b>		<b>A. A.</b>	
CULTO DO DEVER, 1 v. enc. 3\$000		O GARATUJA, chronicas dos tempos colonias, 1 v. in-8º, enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000		A MULHER DE O, 2 v. in-12, enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000	
MEMORIAS DE UM BOBINHO DE MEU TIO, 2 v. enc. . . . . 5\$000		TIL, romance brasileiro, 4 v. in-16 enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000		O MATRICIDA, 2 v. enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000	
MOÇO LOURO, 2 v. enc. . . . . 5\$000		IRACEMA, lenda do Ceara, 2ª edição, 2 v. enc. 3\$000 br. . . . . 2\$000		<b>Edmond Abot.</b>	
OS DOUS AMORES, 2 v. enc. 5\$000		VIUVINBA e os Cinco Minutos, 2ª edição, 1 v. enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000		O NARIZ DE UM TABELLEIRO. Versão do francez por A. Gallo, 1 v. in-12, enc. 1\$600, br. . . . . 1\$000	
ROMANCES DA SEMANA, 1 v. enc. . . . . 3\$000		O GUARANY, 4ª edição, 2 v. in-8º enc. . . . . 8\$000		<b>Octavio Feuillet.</b>	
ROSA, 2 v. enc. . . . . 5\$000		AS MINAS DE PRATA, romance historico, complemento do precedente, 6 v. in-8º enc. 16\$000, br. . . . . 12\$000		JULIA, romance, 1 v. in-16 enc. 1\$600, br. . . . . 1\$000	
VICENTINA, 3ª edição, 3 v. enc. 7\$000, br. . . . . 5\$000		O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª edição, 1 v. . . . . 1\$500		<b>Rozendo Moniz.</b>	
THEATRO COMPLETO, 3 v. enc. . . . . 9\$000		AS AZAS DE UM ANJO, comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo, 2ª edição, 1 v. . . . . 2\$000		FAYOS E TRAVOS, romance, 1 vol. in-8º enc. 3\$000, br. . . . .	
LUXO E VAIDADE, PRIMO DA CALIFORNIA, AMOR E PATRIA, comedias, 1 v. in-8º, br. . . . . 2\$000		A MÃE, drama em 4 actos, 2ª edição, 1 v. . . . . 2\$000		<b>Pousson du Terrail.</b>	
LUSBELLA, comedia, 1 v. in-8º, br. . . . . 1\$500		VERSO E REVERSO, comedia em 2 actos, 2ª edição, 1 v. 1\$000		O CAPITÃO DOS PENITENTES NEGROS, 1 v. enc. 2\$000 br. . . . . 1\$00	
FANTASMA BRANCO, comedia 1 v. in-8º br. . . . . 1\$500		<b>Senio.</b>		<b>Bernardo Guimarães.</b>	
NOVO OTHELLO, comedia, 1 v. in-8º br. . . . . \$500		O GAUCHO, romance brasileiro, 2 v. in-8º enc. 6\$000 br. . . . . 4\$000		O SEMINARISTA, romance brasileiro, 1 v. in-8º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000	
O PRIMO DA CALIFORNIA, comedia, 1 v. in-8º br. . . . . 1\$000		PATA DE GAZELLA, romance brasileiro, 1 v. enc. 3\$000 br. . . . . 2\$000		HISTORIAS E TRADIÇÕES DA PROVINCIA DE MINAS-GERAES: A Cabeça do Tiradentes, A Filha do Fazendeiro, Jupyra, 1 v. in-8º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000	
<b>J. M. Pereira da Silva.</b>		O TRONCO DO IPÊ, romance brasileiro, 2 v. in-8º, enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000		LINDAS E ROMANCES: Uma historia de Quilombolas, a Garganta do Inferno, a Dança dos Ossos, 1 v. enc. 3\$000 br. . . . . 2\$00	
ASPASIA, romance, 1 v. in-8º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000					
MANOEL DE MORAES, chronica do Seculo XVII, romance historico, 1 v. enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000					
JERONYMO CORTE REAL, chronica do Seculo XVI, romance historico, 1 v. enc. 3\$000					
<b>A. Assollant.</b>					
CONFISSÃO DE UM BADENSE.— O CORONEL HAPPE-THALER, Versão de A. Gallo, 1 v. in-12 enc. 1\$000, br. . . . . 1\$000					
<b>J. Norberto de Souza e Silva.</b>					
ROMANCES E NOVELLAS, 1 v. enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000					
BRAZILICAS CELEBRES, 1 v. in-8º enc. . . . . 2\$000					

# JORNAL DAS FAMILIAS

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

O JORNAL DAS FAMILIAS sahe uma vez por mez, com 32 paginas de impressão, no formato d'este numero.

No fim de um anno terão os nossos assignantes um elegante volume de 384 paginas de litteratura amena, algumas illustrações, muitas gravuras sobre aço, desenhos á aquarella coloridos, ditos de trabalhos de crochet, lã e bordados; moldes de enfeites para senhoras, figurinos e peças de musica ineditas, etc.

As assignaturas são feitas por um anno, a contar de Janeiro a Dezembro.

PARA O RIO DE JANEIRO E NICTHEROY  
10\$000

PARA AS PROVINCIAS  
12\$000

NUMERO AVULSO : 1\$000

As assignaturas são pagas na occasião de serem tomadas.

As pessoas que quizerem honrar este jornal com a sua collaboração terão a bondade de remetter os seus artigos, em carta fechada, á commissão da *Redacção do Jornal das Familias*, **rua do Ouvidor, 65, livraria de B. L. GARNIER, Rio de Janeiro**, ou **em Paris, rua de l'Abbaye, 14**. Aceitão-se sobretudo com prazer os artigos instructivos e que tratarem de economia domestica, hygiene e interésses do Brasil; esses artigos, porém, não poderão mais ser reclamados por seus áutores, ainda quando por qualquer motivo deixem de ser publicados.

## CORRESPONDENTES DO JORNAL DAS FAMILIAS

PARÁ	Catilina e C <sup>a</sup> .	PARAHYBA DO NORTE.	Carlos Auxencio Monteiro da França.
PARANÁ	Alves e Filhos.	PASSO FUNDO DAS MISSÕES R. G. SUL	Antonio José da Silva Loureiro.
PARANÁ	Bernardo Saturnino da Veiga.	PELOTAS	Carlos Pinto e C <sup>a</sup> .
PARANÁ	Costa e Silva.	PERNAMBUCO	Walfredo Souza.
PARANÁ	Jozé Vaz Correa Coimbra.	—	José Nogueira de Souza.
PARANÁ	João Maria de Mendonça.	—	De Lailhacar e C <sup>a</sup> .
PARANÁ	Guilherme Sauerbronn e Irmão.	—	Silva Cardoso e Pessoa.
PARANÁ	Dr Herculano José de Oliveira Mafra.	PINDAMONHANGABA (S. Paulo)	Nicolao de Arede Tavares.
PARANÁ	Joaquim José de Oliveira e C <sup>a</sup> .	PORTO-ALEGRE	Joaquim Alves Leite.
PARANÁ	Ant. Thomas de Aquino Correa Junior.	—	D. Maria C. Marcus.
PARANÁ	Francisco de Maria Albernaz.	REZENDE (Rio-Jan <sup>o</sup> )	Francisco Nunes Fernandes.
PARANÁ	João Pedro Ribeiro Mendes.	RIO-GRANDE DO SUL	Daniel de Barros e Silva.
PARANÁ	Francino Tavares da Costa.	SANTA CATHARINA	D. Maria de Albuquerque.
PARANÁ	Anthero Dias Lopes.	—	Dr Duarte Paranhos Shutel.
PARANÁ	Abel Maria de Souza e C <sup>a</sup> .	S. FIDELIS	Brandão e C <sup>a</sup> .
PARANÁ	A. Pereira Ramos de Almeida e C <sup>a</sup> .	—	Alves e Martinho.
PARANÁ	Gonçalves et Pinto.	S. GABRIEL	Antonio de Vasconcellos.
PARANÁ	Magalhães e C <sup>a</sup> .	S. PAULO	A. L. Garraux.
PARANÁ	João Alberto d'Oliveira Prado.	THERESINA	Miguel A. Borges Leal Costello Branco.
PARANÁ	David Moretysohn Filho.	TRES CORAÇÕES DO RIO VERDE	Ant. Billencourt de Amarante e C <sup>a</sup> .
PARANÁ	Januaria F. P. de Carvalho.	BRAGA (Portugal)	E. Chardron.
PARANÁ	José Maria da Silva.	PORTO	—
PARANÁ	Tavares Cardozo e C <sup>a</sup> .	LISBOA	Viuva Bertrand e C <sup>a</sup> .
PARANÁ	Vianna e Silva.	PARIS	E. Belhatte.
PARANÁ	A. J. Soares Souza Jr.		